LOUIS

CINEARTE

Marlene Dietrich

O novo Film de King Vidor. Ronald Colman e Phyllis Barry são os principaes, e o titulo é "I Have been Faithful"

A ruptura de consorcios existentes, a constituição de novas empresas exhibidoras, fortemente apparelhafinanceiramente, a passagem de varios dos mais importantes Cinemas de umas para outras mãos, o facto de não renovarem contractos de locação agencias que exhibiam seus proprios Films em primeira mão, factos são estes occorridos ultimamente e que de duas uma: ou demonstram o augmento da crise a que se vem alludindo desde mais de anno e agora em pleno processo de supuração ou então, e essa é a conjectura que nos parece mais acertada, prova a importancia que vão tendo entre nós os negocios Cinematographicos capazes de gerar sobresaltos como o de que foi tomado todo o meio de importadores e exhibidores ao murmurejo do boato de que Francisco Serrador abandonara as lides a que vinha desde tantos annos consagrando suas grandes actividades, lides em que galhardamente conquistara esporas de cavalleiro.

Era simples boato como pouco depois se soube. Serrador separara apenas os seus interesses de outras a que se havia ligado desde a construcção dos Cinemas do bairro que muita gente designa pelo seu nome.

Findou um consorcio de interesses. Constituiu-se nova empresa que vae explorar varios Cinemas até aqui sob o controle da "Brasil Cinematographica".

Esta continuará tambem a sua já longa existencia, aqui e em S. Paulo no campo de exhibição.

Esta revista foi das que mais auxiliaram Serrador no seu sonho de erigir grandes Cinemas no Rio. Dos poucos, dos raros, que confiaram no exito da tentativa.

Sempre consideramos esse empresario Cinematographico como o individuo de mais aguda visão commercial no meio.

Dahi sempre acompanharmos com sympathias as suas iniciativas.

Tivemos muita vez de dissentir de sua orientação.

A independencia de nossa critica jámais se deixou pear por essas sympathias.

E essa independencia muita vez levou os criticados a nos considerarem adversarios. Serrador foi um dos que comnosco ora estava ás boas, ora ás turras; elle não podia admittir que a mesma penna que consagrava suas iniciativas acertadas, dias depois criticasse um desacerto.

Isso era defeito do seu temperamento, porém, e suas zangas jámais nos levaram a silenciar quando qualquer acto seu bem merecesse. Foi-nos pois particularmente sensivel a noticia que circulou, de sua retirada definitiva, do campo do commercio Cinematographico.

Consideramos que seria isso uma grande perda.

Deveriam os demais deitar luto fechado.

Por isso mesmo mais agradavel nos foi o desmentido que logo sobreveiu.

Desejamos de coração que Francisco Serrador continue sempre á frente de sua empresa e esperamos muito ainda de suas iniciativas em prol do commercio Cinematographico.

E ditas essas palavras, avançaremos mais que nos parece de summa utilidade a fragmentação de empresas como essa que vem de dissolver.

A concentração de grande numero de casas de espectaculo nas mãos de uma só pessoa ou de uma só empresa se tem seu lado defensavel pelo lado economico, por outro jamais consulta os interesses do publico.

A concurrencia em materia de commercio Cinematographico é condição *sine qua non* da excellencia das programmações. Cada salão para attrahir maior clientella procura supprir-se dos melhores Films que vêm ao mercado. Se um, o proprietario de todos os Cinemas de um bairro, de uma cidade, pouco se lhe dá que os programmas sejam bons. Pelo contrario, procura os Films de locação mais modica, certa de antemão de que por falta de outros divertimentos, o publico encherá assim mesmo os seus Cinemas. Isso é commum e corrente; se quizessemos poderiamos aqui mesmo accumular exemplos.

Já em tempos fizemos sentir como os Cinemas do "bairro Serrador", que ha seis annos eram o ideal para a nossa cidade, já hoje são pequenos, insufficientes, anti-economicos principalmente para os grandes Films.

Já é mistér ir cuidando de construir outros com um minimo de capacidade para 5.000 espectadores.

E a apparição de empresas novas com apparelhamento financeiro forte faz-nos esperar que seja realidade em breve esse sonho como realidade tornou Serrador o sonho dos queriam dez annos atraz relegar ao olvido as ridiculas saletas que eram os nossos Cinemas.

UMA HORA COMTIGO (One Hour With You) — Teve finissimas melodias de Straus cantadas por Chevalier e Jeannette Mac Donald. São: *One Hour With You*, a mais linda de todas — *Oh! That Mitzi, What Would You Do?*, *We'll Be Always Sweethearts*.

ESTTA NOITE OU NUNCA (Tonight or Never) — Teve a canção *Tell Me To Night*, que o violinista tocava para Gloria Swanson no *cabaret* hungaro.

POSSUIDA (Possessed) — Joan Crawford cantou em inglez, francez e allemão, o *blue* favorito de Clarence Brown: *How Long Will It Last?*... musica esta que não é outra senão a *Melodia Exotica* ouvida em INSPIRAÇÃO.

Em INSPIRAÇÃO (Inspiration) — Havia ainda o *fox Black Eyes*.

VIDAS PARTICULARES (Private Lives) — Enfeitando algumas scenas, havia a canção *Some Day I Will Find You Again*... cantada por Norminha Shearer.

DANSANDO NO ESCURO (Dancers in the Dark) — Teve o já popular *St. Louis Blues* cantado pela morna e febril Miriam Hopkins.

LUZES DE BUENOS AYRES — Teve a canção *El Rosal*, e o tango *Mi Provinciana*.

HOLLYWOOD, CIDADE DOS SONHOS — José Bohr canta os tangos *Alice, Manos Blancas, Ciudad de Ensueños* e o fox: *Si Usted Pone a Mi en El Cine*.

PRINCEZA DO BAIRRO (The Jazz Cinderella) — Um Film de Myrna Loy onde foram ouvidas as canções: *True Love, I'm a Hot Baby* e *Too Good To Be True*.

ANJO AZUL (Der Blaue Angel) — Marlene cantou as lindas canções: *Were You Sincere* da autoria de Meskill, e *Falling in Love Again* de Hollander.

HOMEM DO OUTRO MUNDO (Palmy Days) — Teve as musicas cantadas por Eddie Cantor: *Bend Down Sister* e *There's Nothing Too Good For My Baby*.

MELODIA CUBANA (Cuban Love Song) — Além da rumba *El Manisero* e do *Cuban Love Song*, teve a canção de Herbert Stothart: *Tramps At Sea*.

SEGREDOS DE UMA SECRETARIA (Secrets of Secretary) — Film de Claudette Colbert onde George Metaxa cantou a conhecida melodia chilena: *Ay! Ay! Ay!* ...

BABEL DE FERRO (Skyline) — Ouve-se o fox *Building a Home For You*.

BARCARILLA DE AMOR (Barcarole d'amour) — Simone Cerdan canta a conhecida *Barcarolle* de Offembach. Ouvem-se tambem trechos da opera *Tannhauser*. A mesma melodia dos *Contos de Hoffman*, é ouvida em scenas de ALVORADA, Film de Ramon Novarro.

D. JUAN DO MEXICO (Under a Texas Moon) — Teve as lindas melodias de Ruy Perkins: *I Want a Bold Caballero* e *Es la Noche de Amor*...

AMOR SILVESTRE (Great Divide) — Myrna Loy cantava uma canção para o Ian Keith, que era *Si Señor*... da autoria de Ray Perkins.

PAPAE POR ACASO (Night Work) — com Eddie Quilan tem a canção *Tired of My Tired Man*.

MORENA — A proxima producção da "Cinédia", terá a linda canção brasileira: *Saudade*...

VENUS LOURA (Blonde Venus) — E' o novo Film de Marlene onde ella cantará: *Hot Woodoo* (de Coslow-Robin). *You Little So-And-So* (Coslow). *I Cannot Be Annoyed* (Whiting-Robin). E *Getting What When I Want* (Lewis-Whiting-Robin).

DAMA VIRTUOSA (Lady's Morals) — Teve ainda a linda melodia de Straus cantada por Grace Moore: *It Was Destiny!*...

REI DO JAZZ (The King of Jazz) Teve lindos numeros musicaes. Eis alguns delles: *Rhapsody in Blue* de George Gershwin. *It Happened in Monterey* de Mabel Wayne. *La Paloma* de Yradier. *Happy Feet* e *I Like To Do Things* foxes de Yellen-Ager. *A Bench in the Park, Ragamuffin Romeo Musical Charms*, a valsa *My Bridal Veil* e *The Song of The Dawn*.

SOM...

DELICIOSA (Delicious) — Tem ainda a canção *Somebody From Somewhere* cantada por Janet Gaynor.

HOMEM DOS MEUS SONHOS (Women Everywhere) — Antigo Film de Fifi Dorsay teve as canções *Beware of Love* e *One Day*.

DOIS QUIXOTES SECULO XX (The Cuckoos) — Film da dupla Wheeler-Woolsey teve as canções *Dancing The Devil Away* e *I Love You So Much*.

MATA HARI — Neste Film de Garbo, ouve-se melodias de Art. Korsakow e Vincent D'Indy.

ALMAS PECCADORAS (Laughing Sinners) — Joan Crawford cantou a melodia de Arthur Freed: *What Can I Do? I Love That Man*...

VOANDO ALTO (Flying High) — Teve as seguintes musicas da autoria de De Sylva-Brown e Henderson: *First Time For Me, Dance Until the Dawn, Happy Landings* e *Examination Numbers*.

FORASTEIROS EM HOLLYWOOD (Cohens and Kellys in Hollywood) — Duas canções cantadas por Norman Foster: *Without You*... e *Where Are You*...

Em GRANDE HOTEL — O Film das "estrellas", ouviremos a melodia de Edmund Goulding que é o director da pellicula: *Love, Your Spell Is Everywhere*... musica esta que Gloria Swanson já cantou em TUDO PELO AMOR...

NO dia em que o Studio da Cinédia recebeu o apparelhamento para Cinema falado, deu-se um pequeno acontecimento curioso na sala do escriptorio do Studio. Sem que ninguem tocasse nelle, um quadro de Charles Chaplin, dedicado ao Gonzaga, desprendeu-se da parede e cahiu ao chão.

Teria sido um protesto de Carlito, ao Studio de S. Christovam, por preparar-se para fazer Films falados...?

Superstição ou não... o caso é que não deixou de ser um pequenino detalhe interessantissimo e que constituiu o assumpto do dia...

— * —

Segunda-feira passada, teve logar a ultima Filmagem de "Ganga Bruta" e com isso todo o trabalho de "camera" desta producção da "Cinédia" ficou terminado.

Foram scenas tiradas numa grande quéda dagua e onde pode-se dizer sem publicidade, Durval Bellini, Decio Murillo, Humberto Mauro e os operadores arriscaram suas vidas. "Ganga Bruta" é tambem o Film com a maior variedade de locações até hoje feito no Brasil.

— * —

No numero passado houve um engano na noticia do anniversario de Lú Marival. Ella fez annos no dia 13 e não no dia 8 como sahiu publicado.

— * —

Estamos no fim do anno e é interessante verificar-se quaes os Films que produzimos em 1932. Ao certo temos seis producções: "Ganga Bruta", "Onde a terra acaba", "Carlitomania", "Canção da Primavera", "Alma do Brasil", "O peccado da vaidade".

Em S. Paulo, não sabemos se "A féra da matta" chegou a ser terminada e no Rio, a Sell-Thomas ainda está Filmando "Puxa!", de maneira que este Film, provavelmente já será uma producção de 1933. E em S. Paulo, ainda, Victor Capelano ia começado um Film, cuja Filmagem tambem não sabemos se já foi reiniciada.

De qualquer fórma, estes seis Films, contra dez do anno passado, representam, entretanto, um progresso digno de nota. "Ganga Bruta", principalmente é uma producção como até agora ainda não tinhamos realizado. Da mesma fórma "Onde a terra acaba" e os demais, necessariamente mostraram progresso. E sendo a qualidade um factor mais importante do que a quantidade de Films, devemos ficar satisfeitos com o que o nosso Cinema fez no corrente anno.

E não se pode deixar de registrar aqui, como a nota mais importante do Cinema Brasileiro este anno, o equipamento falado que a "Cinédia" vêm de receber.

Esse apparelhamento e a organização interna dos serviços do Studio, póde-se dizer, já concluida, asseguram a certeza de que a "Cinédia" em 1933 agirá num campo mais vasto e poderá verdadeiramente entregar-se com franqueza á producção, cujo programma inicial já está delineado e constituirá, sem exaggero a grande promessa do anno a iniciar-se.

Carmen Santos

Cinema Brasileiro

ooooooooooo

Um suelto do "Radical" digno de ser lido e que vem ao encontro das nossas opiniões:

PROPAGANDA

"Cada vez mais nos devemos capacitar que estamos a carecer de uma intelligente propaganda no exterior. Não nos conhecem ali em verdade sinão como uma terra erma, cheia de indios bravios e de féras terriveis.

Nada mais do que somos em realidade, com o nosso progresso, com as nossas largas possibilidades se sabe na Europa e na America. Isso porque não ha um proposito seguro, nesse particular, de se mostrar lá fóra o que seja o paiz, com as suas energias adormecidas as suas inesgotaveis riquezas mineraes, as nossas aguas piscosas, as nossas florestas onde existem as mais ricas madeiras.

De vez em quando apparece um brasileiro que anda fazer um "Film" de propaganda".

O assumpto é o de sempre: scenas incriveis de molocas e tuchanas de Matto Grosso, onde as onças e os tigres passeiam pelas florestas.

Basta de indianismos. Vamos mostrar o que somos."

— * —

Um recorte da revista "Divisas" que se publica no Rio:

DIVISANDO...

"O Brasil, apesar dos concursos de belleza e dos dias dedicados a esta ou aquella flor, é, ainda, pouco conhecido do outro lado do Atlantico. Os homens do velho Continente olham-nos pela lente forte da imaginação e, ao aportarem em nossa terra, o fazem prevenidos com as onças e indios que julgam encontrar vagando em liberdade, pelas arterias do coração da cidade. Isto succede por falta de propaganda efficiente, nos centros civilizados, de nossas possibilidades e de nossas realizações. Entretanto o americano do norte, mais pratico atravez de motivos banaes, aproveita o maximo em beneficio da reclame de seu paiz. E é no Cinema que vamos encontrar a propaganda espalhafatosa das cousas da terra de Lincoln, sendo, talvez, esse o motivo de serem os Estados Unidos, o colosso das botas de sete leguas... E' que, a propaganda, quando bem feita, produz o milagre das multiplicações...

Taes considerações pingaram-nos da penna ao presenciarmos *a estagnação* do Cinema nacional. Ha, é bem verdade, algumas vontades em acção. Não basta. Precisamos tentar algo mais efficiente, e, para isto, os nossos productores devem começar pelo simples, já que não podemos seguir as pégadas do Cinema americano, — desenvolver em todos os sentidos o Cinema jornal, factor, por si só, capaz de transformar o juizo que faz o estrangeiro a nosso respeito, com a vantagem de tornar o Brasil conhecido... dos brasileiros.

F. C. L"

Agora, alguns commentarios com a licença do nosso amigo F. C. L.. Cinema que possa interessar o publico verdadeiramente só o chamado "posado", porque "bellezas naturaes" cansam. Aquelle mostrará mais o paiz do que os Films naturaes e dará maior prestigio porque produzir Films já é signal de progresso e civilização. O Cinema Brasileiro deve ser feito, antes de tudo para os brasileiros mesmo e Films jornaes no estrangeiro só poderão interessar se tiverem mesmo indios e sucurys.

E esta historia de *estagnação* é prova de desconhecimento do que se vem fazendo no Brasil pela industria Cinematographico. Temos dito. Boa tarde.

Zita Johann e o celebre operador Karl Freund, no "set" de "The Mumy", que elle está dirigindo com Boris Karloff no principal papel.

HOLLYWOOD

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

Durou apenas uma semana. Mas foram sete dias de immensa felicidade para Los Angeles e Hollywood. Sete dias consagrados, inteiramente á arte do *bel canto* e, tambem, um adoravel pretexto para mostrar as mais lindas creações da moda. Todo o mundo rico e elegante, as velhas familias da cidade de Los Angeles, descendentes de nobres hespanhoes — os magnatas do Cinema, as "estrellas" e os "astros" mais famosos desfilaram, durante sete noites pela entrada do Philarmonic Auditorium, onde foram cantadas operas conhecidas, mas que nunca ficam velhas!

Mas — o acontecimento maior da temporada de opera foi Lily Pons, essa artista mignon, interessante, delicada. Hollywood tomou conta da graciosa "estrella", adorou-a, festejou-a e Lily Pons dominou, durante a sua estada em Los Angeles, toda a colonia Cinematographica.

Dentre todos, dois grandes nomes de Hollywood tomaram conta della — Ramon Novarro e Jeanette Mac Donald.

Ramon era, talvez, o mais enthusiasmado. Esteve em todas as noites, em que Lily Pons cantou. Foi ao seu concerto de canto. Levou-a ao Studio, compareceu ao chá que Jeanette MacDonald lhe offereceu. Mandou-lhe flores, pediu-lhe um retrato autographado... Era esplendido vêr-se o seu enthusiasmo pela voz, pela arte e pelos encantos dessa linda artista franceza.

Na noite, em que Lily Pons estreava — o theatro estava repleto. Entre o segundo e terceiro acto da *Lucia*, a caixa foi invadida por admiradores. Todos a queriam ver, apertar-lhe a mão, levar-lhe seus cumprimentos. O director estava furioso! Imaginem, um rotundo filho da bella Italia, nervoso como todo director de scena — zangado, esbravejando por ver a caixa invadida daquella maneira!

O espectaculo tinha que continuar e não havia meios de fazer o publico voltar aos seus logares... Ramon tambem estava ali. Mas, não podia chegar até ao camarim de Lily Pons. Um mundo de gente o separava da formosa diva, e o nervoso director de scena a fazer o publico deixar a caixa. Dava ordens, gritava... mas Ramon permanecia no seu logar, disposto a falar com Lily Pons... O italiano olhou-o. Abanou a cabeça — deu uns pulinhos, puxou os cabellos — e soltou um *Dio miu!* Imprecou, esbravejou... Ramon ficou firme no seu logar.

Finalmente, o director de scena deu ordem — ninguem mais póde falar a Mlle. Lily Pons!

E, voltando-se para o lado de Novarro — gritou — "*nem mesmo os artistas de Cinema!*"

E nosso artista, o idolo das multidões, teve que voltar ao seu logar, nas primeiras filas, sem ter tido o prazer de beijar a mão de Lily! Mas, no final, elle vingou-se — esteve na caixa, cumprimentou-a, convidou-a a visitar o Studio, e teve com ella palestra sobre canto, arte e Paris!

Jeanette MacDonald tornou-se sua amiga. Offereceu-lhe um chá, a que compareceram Ramon... Phillips Holmes, Frederic March, Ernst Lubitsch, Tallullah Mankhead e muitos outras "estrellas".

Jetta Goudal estava entre as mais ardentes admiradoras de Lily Pons — tambem reuniu amigos e convidados para um chá, onde dominou a graciosa cantora. Na Metro, foi um dia de festa. Ramon homenageava Lily Pons com um almoço, a que estiveram presentes Joan Crawford, Madge Evans, Wallace Beery, Marie Dresler — outra admiradora de Lily — Louis B. Mayer, Robert Montgomery... Lily recebia saudações e cumprimentos de todos. Estava mais do que nunca graciosa e linda num traje sportivo. Ramon compareceu ao almoço, trajando o seu "make-up" usado para *Son Daughter* — Film que está fazendo ao lado de Helen Hayes para a Metro Goldwyn, onde elle é um chinezinho de sangue azul.

Reparem só no seu cabello raspado! E tambem isso serviu para muita gente achar exquisita a maneira de Ramon comparecer á opera — com aquelle cabello, mas, que podia elle fazer? Assim lhe ordenava o seu papel... e os artistas são escravos da sua arte!

A temporada de opera terminou. Lily Pons deve seguir para New York, onde apparecerá cantando, neste inverno. Ella tem contractos para muitas "tournées" em differentes cidades americanas — mas, tudo faz crer que voltará a Hollywood, muito breve.

Na Metro, ella fez um "test" que, segundo dizem, resultou optimo. Será que Lily Pons apparecerá no Cinema? Nada existe de positivo sobre isso — mas é bem provavel que a Metro encontre um papel e um Film que se adaptem á sua personalidade...

——oOo——

Adolphe Menjou e Kathryn Carver, com quem elle se tinha casado, em 1928, em Paris, separaram-se. Houve um entendimento entre ambos sobre divisão de propriedades — e o processo de divorcio se seguirá muito breve. Incompatibilidade de genios foi dada como causa da separação. Menjou e Miss Carver, ao voltarem da Europa, recentemente, passaram a viver separados. Ha dias, a noticia do breve divorcio chegou aos ouvidos do publico... Como os "fans" se devem lembrar, Kathryn Carver appareceu em varios Films, entre elles, num em que Menjou era a figura central. Recordam-se? Não me lembro do titulo — mas nesse Film Adolphe Menjou fazia um maestro, e foi um dos seus melhores desempenhos — um admiravel Film silencioso!

——oOo——

Estive nas montagens de *The Mumy*, titulo definitivo de *Im-ho-tep*, Film que Kral Freund está dirigindo para a Universal. Os "sets" são qualquer coisa de admiravel, luxuosos, magnificos. Verdadeiras obras de arte.

Desenhou-os, construiu-os William Pogany, famoso esculptor, pintor, — emfim um raro e finissimo artista.

Fui-lhe apresentado, ha dias. Pogany impressiona pela maneira porque fala do seu trabalho. Vê-se que elle o ama com verdadeiro ardor, que lhe dá toda a sua alma e o seu enthusiasmo. Pogany é hungaro e estudou arte em Budapest, Paris, Vienna e Berlim. Durante algum tempo, esteve nos jornaes parisienses, como desenhista e caricaturista. Era um dos artistas mais queridos do Quartier Latin. Veiu para New York. Desenhou os scenarios para a Metropolitan Opera. Esteve como director artistico de um sem numero de peças nos theatros de New York. Desenhou e assistiu á construcção de uma piscina maravilhosa, em Brooklyn. A mais cara do mundo — cujo preço foi orçado em mais de um milhão de "dollars"!

Samuel Goldwyn o trouxe para Hollywood. Lembram-se de *Bailarina Diabolica?* Pois, Pogany desenhou todos os "sets" — dirigiu os effeitos de luz, do seu lapis sahiram os costumes usados por Gilda Gray, seus vestidos, seus trajes de dansarina. *O Homem do Outro Mundo* e *Jardim do Peccado,* foram outros dois dos seus ultimos trabalhos para o Cinema. Actualmente, elle está com a Universal — e quando vocês virem *The Mumy,* Film que estrella Karloff — reparem na maravilha que são as montagens desse trabalho phantastico. Tudo obra desse artista extraordinario...

——oOo——

Thelma Todd esteve entre a vida e a morte, num Hospital de Hollywood. Foi operada e durante muitos dias o seu estado foi gravissimo. Agora, felizmente, para alegria de todos os que lhe querem bem — Thelma está melhor, fóra de perigo e, dentro de muito breve, voltará a pôsar nessas esplendidas comédias ao lado da não menos esplendida — Zasu Pitts.

Red Dust reabriu dois dos mais luxuosos Cinemas — o Fox Pantages, de Hollywood e o United Artists, de Los Angeles. Duas estréas, no mesmo dia e ambas sensacionaes. *Red Dust*, segundo diz a critica, é um dos melhores Films de Clark Gable e Jean Harlow. Uma grande victoria para a Metro e para essas duas figuras queridas do publico. O Film tem arrastado milhares de espectadores e está destinado a ficar varias semanas em cartaz.

Smilin Through — (Morrer Sorrindo), com Norma Shearer e Frederic March tambem continuou mais outra semana de exhibição, com um successo colossal. Norma, Frederic March e Leslie Howard são as figuras principaes — e os criticos não se cançaram de elogiar o Film.

Bill of Divorcement, com John Barrymore, Billie Burke e Katharine Hepburn, estreou no R.K.O. Theatre, de Los Angeles com uma grande festa. John Barrymore foi mestre de cerimonias e ao espectaculo, que serviu de beneficio para os pobres, compareceram innumeras "estrellas". Entre outras, vi Constance Bennett e o marido. Connie era a soberana da noite — elegantissima, seductora! William Haines e Polly Moran, sem duvida alguma, os mais *moleques*... Viviam fazendo pilherias... Vocês bem podem imaginar — Billy e Polly juntos...!

Carole Lombard e William Powell formavam um par encantador. Elle sabe vestir-se com apuro e tem maneiras de um principe... mas a belleza e o *charne* de Carole. Queria que vocês vissem a ambos — que bonito par!

Ethel Barrymore e Lionel, os dois outros membros da *familia real de Broadway* — receberam muitas homenagens. Buster Keaton chegou tarde e... foi gazolina na fogueira. Nos intervallos, elle e Polly Moran pintaram o diabo!

Mas, a surpresa do Film é Katharine Hepburn. Ella offerece um trabalho extraordinario... Ninguem suspeitava que, logo no seu primeiro

Lily Pons em visita á Ramon no "set" do seu novo Film "Son Daughter". Ella talvez faça um Film para a Metro...

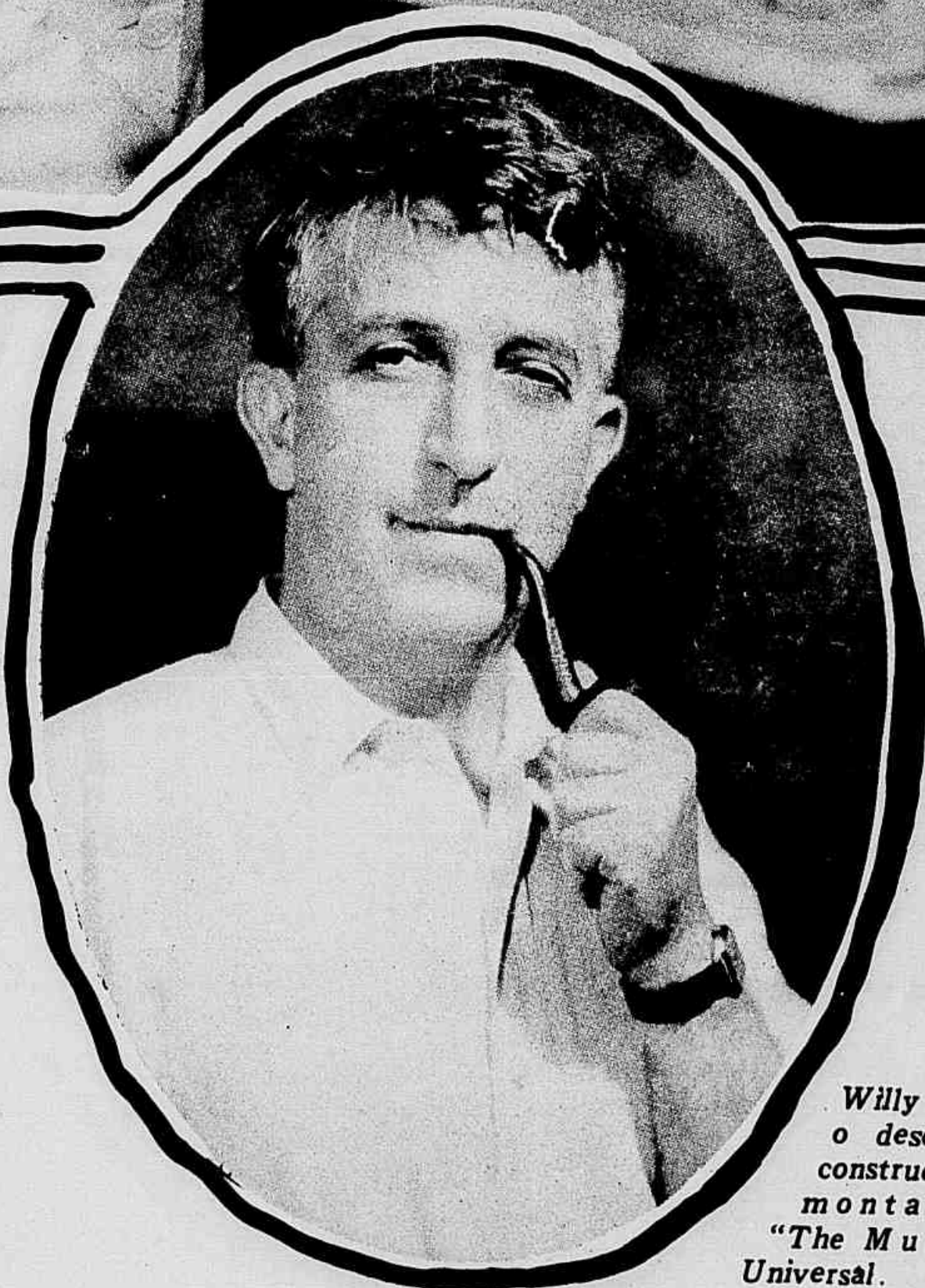
BOULEVARD

Film, Miss Hepburn pudesse causar tanto agrado e tamanho successo. Katharine está em New York — mas de lá falou ao telephone, mandando sua saudação á platéa. Provavelmente, nós a veremos em outros Films, pois a Radio mantém com ella um contracto e, segundo dizem, Joel Mac Crea a terá em seu proximo Film — *Three Came Unarmed*. Foi uma noite de alegria, de belleza, de encantamento. E — depois de se ver as figuras queridas do Cinema, de estar bem perto de todo esse mundo famoso — póde Hollywood deixar de ser um paraiso?... Vocês, leitores, que respondam...

——oOo——

Ernst Lubitsch seguiu para a Europa em viagem de férias. Mas, antes de partir, poude ver como o seu ultimo Film — *Trouble in Paradise* — está causando furor, entre os criticos. Assisti ao Film — é admiravel, esplendido — e não uso todos os adjectivos que conheço, pois não haveria espaço! Voltarei a falar nelle, na minha secção de "Futuras Estréas". Mas, aqui vae esta nota adeantada. E' outra obra prima desse maravilhoso director — um Film elegantissimo, moderno — differente, entretanto, de outros que Lubitsch tem feito. Um melodrama — desenrolado entre ladrões... mas como Lubitsch fez, dirigiu e poz em scena — só elle, elle apenas, sabe e poderia fazre! Vendo Films como este, a gente fica pedindo que appareçam outros directores como Lubitsch... Que bom seria! Films como *Trouble in Paradise* é que honram o Cinema, e fazem com que o publico espere com ansiedade — pelo proximo trabalho desse homem estupendo. Parabens a Lubitsch e á Paramount!

Glenn Tryon estréa como "scenarista", no Film da Paramount — "Cheerful" — que será dirigido por William A. Seiter e interpretado por Dorothy Yost e Lawrence Hazard. Conhecem, estes...?

Lilian Roth chegou da Europa e disse que Hollywood tomou o logar de Paris. Não só os vestidos da capital do Cinema são mais "chics" e bonitos, como tambem custam a metade do preço...

Willy Pogany, o desenhista e constructor das montagens de "The Mumy", da Universal.

D. W. Griffith é o gerente de producção de "Damn Deborah", peça de Broadway que talvez seja Filmada com Dorothy Gish, no principal papel. Ainda se lembram della e da "Altivez de Leonor"?...

"Ladies They Talk About" é o novo titulo de "Women in Prison", de Barbara Stanwyck, para a Warner.

A TELA EM REVISTA

"Dixiana" é do tempo do Cinema falado propriamente e que já vae desapparecendo...

"Quando a mulher se oppõe" é justamente a historia de quando a mulher quer...

QUANDO A MULHER SE OPPÕE (Merrilly We Go To Hell) — Film da Paramount. — Producção de 1932.

"I Jerry, Take Thee, Joan", novella de Cleo Lucas, que material! Um homem desilludido, viciado na bebida, intelligente e uma mulher que se apaixona por elle, beija-o quasi no mesmo instante em que o conhece, sacrifica-se, soffre. Para um bohemio pouco ou nada existe no futuro e esse futuro é exactamente todo sonho daquella affectuosa creatura...

Ligeiros traços incolôres de uma historia humana e amargamente saborosa que um scenario incompleto e uma direcção hezitante quasi perderam totalmente. O excellente desceu á simplicidade do bom. Os olhos não se abriram mais do que o costume. A alma permaneceu ansiosa, diante da perspectiva, mas isso não sahiu até ao fim. Pena. Podia ter sido tão outro este Film.

Estes reparos, no emtanto, não o devem tirar da qualidade de bom. E' um divertimento aqui e ali tocado de instantes felizes e que divertirá sufficientemente a qualquer platéa.

E duas cousas elle tem notaveis: — a interpretação de Fredric March e a photographia de David Abel. Um pouco mais atraz o desempenho de Sylvia Sidney.

Dorothy Arzner tem um defeito qualquer de realização que até aqui a tem impedido de produzir um trabalho inteiramente bom. Ha momentos em que ella é optima. Lembra Lois Weber nos bons tempos. Mas em outros é tatibitate na linguagem de sua expressão directorial. Isto faz com que ella realize bons Films, mas nunca os faça optimos, o que é pena. O scenario de Edwin Justus Mayer, diga-se, cooperou para a inefficiencia da direcção. Não é completo e tem bem poucas idéas.

A Paramount bem podia ter dado este seu Film ao cuidado de um cerebro mais capaz. Um Ernest Vajda, por exemplo. Na ligação de sequencias, na situação climatica do assumpto, no enfeixamento dos capitulos de seu trabalho elle foi vulgar. E não duvidamos que tenha até sacrificado o original.

Estes reparos são puramente do andamento technico do Film. O lado geral do mesmo é agradavel e bom. Tem momentos bem felizes: — o inicio todo, até o momento em que casados, encontra-se Jerry com sua antiga amante. Dahi para deante o Film perde o rumo e anda em linhas curvas em vez de persistir pela recta que com felicidade vinha trilhando. O reparo, portanto, é pelo que desejavamos que fosse e não pelo que é.

Fredric March melhora de Film para Film. Neste, é logico, não está como em O MEDICO E O MONSTRO, trabalho que difficilmente igualará. Mas satisfaz amplamente e tem momentos completamente seus, mesmo, como o final que é extremamente rapido mas assim mesmo cheio de sentimento. Elle e Sylvia Sidney, que a pouca distancia lhe fica, fazem um optimo par. Ella está melhorando, tambem e tem qualquer cousa no seu rosto redondo e differente que fascina e arrebata. E que labios!

Depois do casal, Skeets Gallaher tem o melhor papel. Adrienne Allen, agrada. Cary Grant apparece numa sequencia, rapidamente. Elle é uma promessa mais do que provavel. Florence Britton, Esther Howard, George Irving e Robert Greig figuram.

Vejam. Foi o melhor Film da semana.

Cotação: — BOM.

SERVIÇO SECRETO (Im Geheimdienst) — Film da Ufa. — Producção de 1932. — (Programma Art.).

Hollywood fez Marlene, X. 27 em DESHONRADA. Greta Garbo MATA HARI. Fatalmente Neubabelsberg faria de Brigitte Helm uma espiã tambem. E está aqui em SERVIÇO SECRETO que esperei como a "ultima palavra" e é inferior a DESHONRADA e pouco superior a MATA HARI. Como todo Film allemão tem photographia impeccavel e desta feita da responsabilidade de Carl Hoffman, um mestre que ainda vae acabar em Hollywood e talvez na Universal, como Karl Freund.

A direcção de Gustav Ucicky é boa. O scenario é que é imperfeito. Ha cousas, então, que vulgares Films de Hollywood não fazem e que neste se nota: — sequencias absurdas e situações improvaveis. A sahida de Brigitte Helm da Russia, por cima, documentos de espionagem importantissimos para Willy Fritsch que lá se encontra. Aquillo está mal contado e é um ponto fragil do scenario. Numa época daquellas, um marido a sabel-a infiel e favoravel ao inimigo, seria tão facil assim sua sahida do paiz? E varias outras cousas como essa, já para não citar o caso daquelle quebra luz concertado e com o microphone e que a gente acceita como acceitou o "monstro" de FRANKENSTEIN, por exemplo... Mas fóra esses defeitos, o Film tem suas qualidades. Anda um pouco, lentamente demais, talvez, mas isso não chega a ser defeito ao lado dos citados.

Brigitte Helm e Willy Fritsch têm dois esplendidos papeis. Como todo Film allemão, este tem optima musica acompanhando e seu trabalho mechanico e tecnico é perfeito. Pena que Ucicky não fosse mais habil para aparar as arestas do scenario e a historia mais interessante. Ha cousas que a gente vae advinhando antecipadamente e isto, francamente, só mesmo se dá quando assistimos Films de "cowboy"... Mas os defeitos, pesam tanto quanto as qualidades e dessa fórma o Film serve. Seu lado bom é a rispidez com que é tratado o elemento amoroso. Ha pouca opportunidade para um espião amar e isto fica salientado de sobra em SERVIÇO SECRETO. Outras boas cousas, inclusive alguns detalhes do scenario e as miniaturas finaes bem feitas.

Vale a pena ver, mas sem curiosidade exaggerada.

Cotação: — BOM.

DIXIANA (Dixiana) — Film da R. K. O. — Producção de 1930. — (Programma Matarazzo). Bebe Daniels, quando, na RKO, iniciou a sua carreira de "estrella" de canto e voz, depois de ter sido uma comediante silenciosa, deu ao seu publico RIO RITA e, pouco depois, DIXIANA. Agora é que nos vem este Film que, dessa fórma traz em si o mofo dos Films antigamente feitos, quando o Cinema falado ainda tacteava. Não é moderno, sente-se e pertence, ainda por cima, á classe dos Films desinteressantes na direcção dos quaes Luther Reed fez-se mestre...

A historia é aborrecida e salva-se apenas Bebe que, linda, defende-se o mais que póde; Everett Marshall, o galã, barytono de opera, fez este Film e... desappareceu. E' preciso melhor recommendação? A dupla Bert Wheeler e Robert Woolsey ou arranja melhor sorte ou jamais arrancará risada alguma das platéas. Dorothy Lee é uma garota muito interessante que devia apparecer mais vezes. Joseph Cawthorne, Jobyna Howland, Ralf Harolde e Bruce Covington completam o elenco.

Argumento de Anne Caldwell. Scenario de Luther Reed que, na direcção, consegue effeito algum novo e interesse nenhum, tambem. Roy Hunt operou.

Cotação: — REGULAR.

ASA PARTIDA (The Broken Wing) — Film da Paramount. — Producção de 1932.

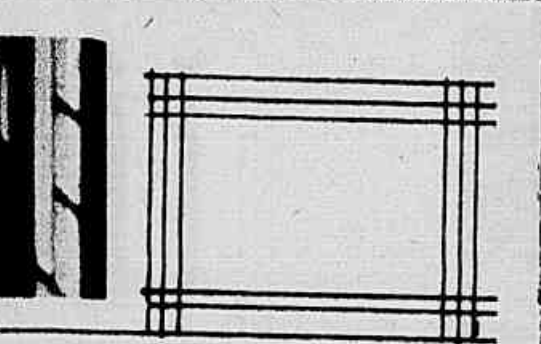
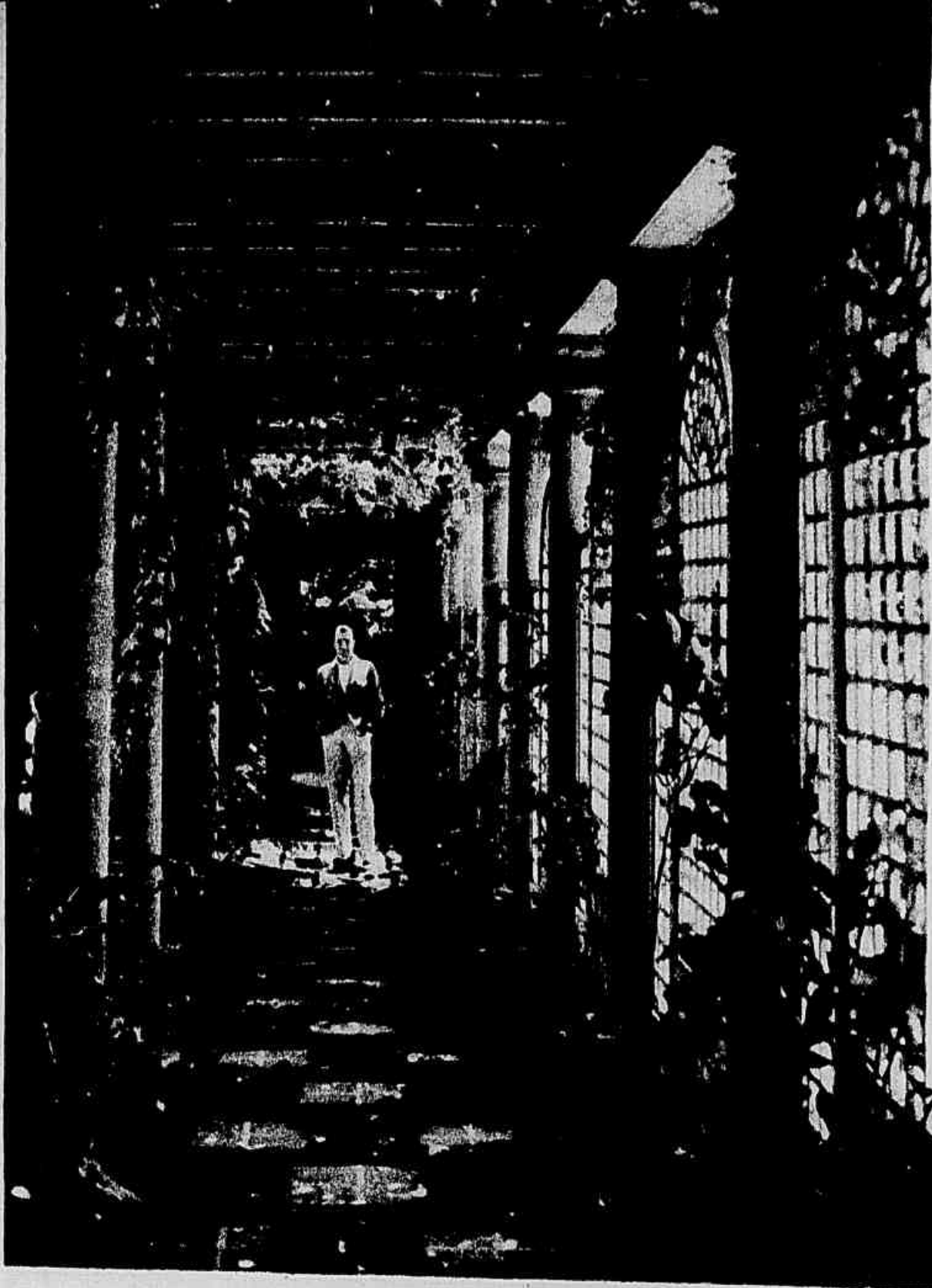
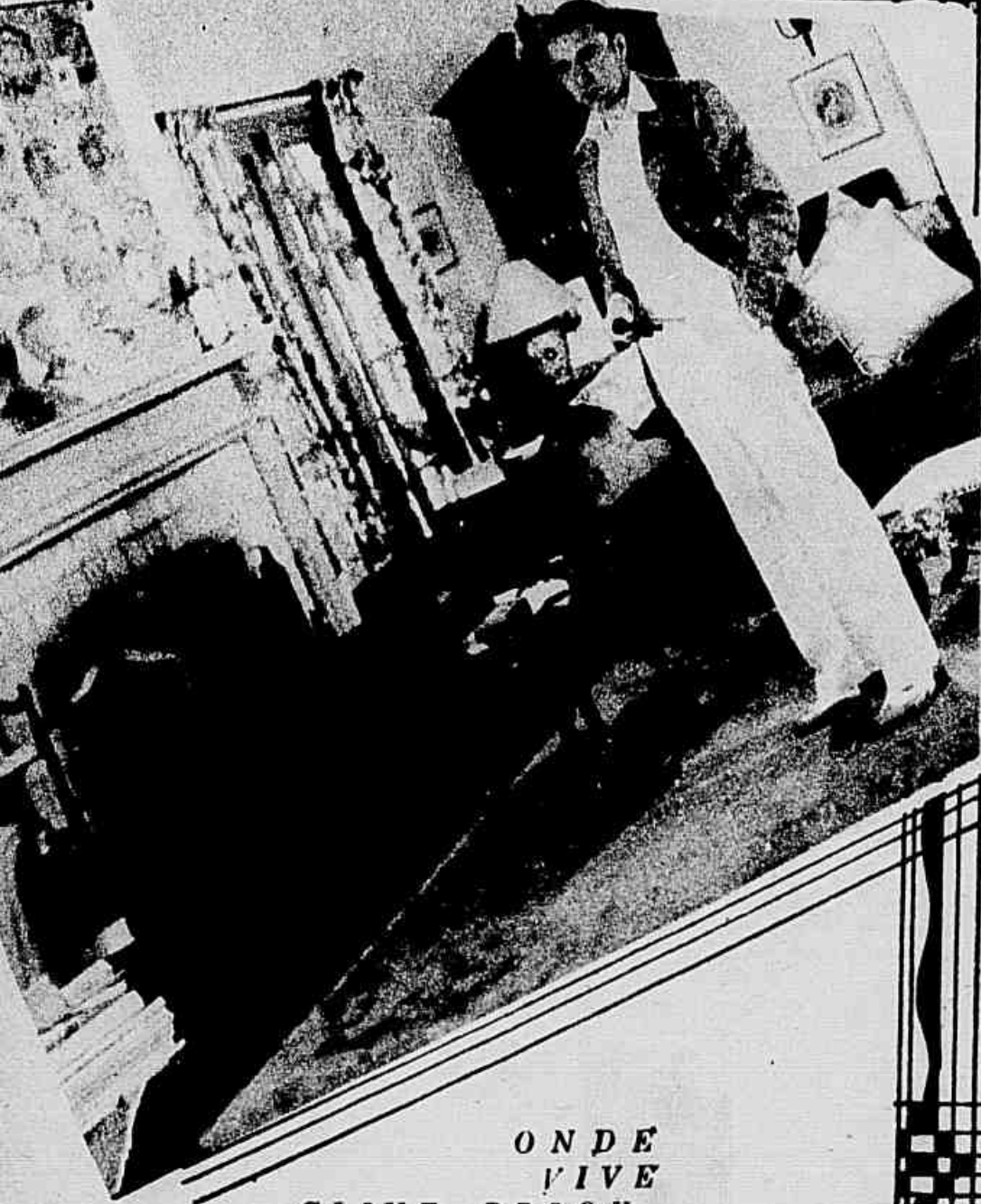
Para que se estrée um Film da Paramount no Parisiense, é preciso que elle seja fraco. Este, na verdade, não tem cousa alguma em que se apoiar. Seu argumento é conhecido, seu scenario bom, ás vezes é commum, noutras e seu elenco agrada. E' desses trabalhos que a gente assiste sem reclamar e que, quando se sahe do Cinema, diz-se ao primeiro amigo que se encontra: — "bomzinho...".

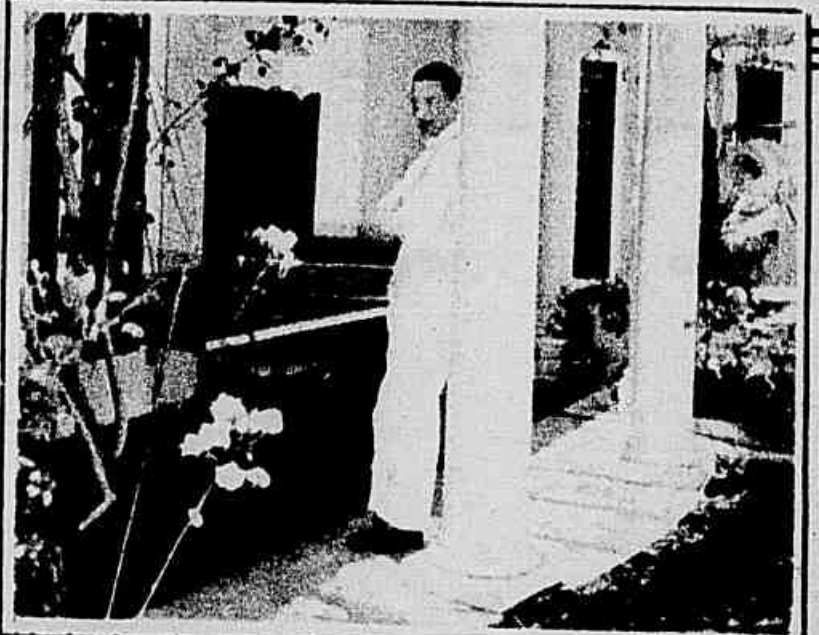
Lupe Velez é que é um amor. Cada vez mais fascinante e linda. Ella vale qualquer sacrificio para se ver um Film. Leo Carillo igualmente bem e Melvyn Douglas acceitavel. Este tercetto e mais George Barbier, Willard Robertson, Arthur Stone e Claire Dodd completam o elenco que é afinado.

Da peça "Misleading Lady" de Paul Dickey e Charles Goddard. Scenario de Grover Jones e William Slavens Mc Nutt.

Vão ver mais aventuras mexicanas nas quaes envolvem-se desta vez: Lolita, Innocencio e o "yankee" Phil Marvin.

Cotação: — REGULAR.

"ASA PARTIDA" DEVE QUE "POUSAR" NO PARISIENSE.

O CACHIMBO DE CLIVE BROOK

ONDE VIVE CLIVE BROOK.

O CONFORTO DO CINEMA.

Dorothy
Lee
da
Radio...

Norma Shearer

A ESPOSA sempre deve ser a amante que usa alliança.

Phrase famosa que Norma Shearer cunhou para servir de manual concentrado para esposas. Golpe seguro para a manutenção affectiva dos esposos. E ella propria pinta o rosto. Cuida dos cilios. Tudo isso antes de se deitar... Para illudir a vigilancia daquella tragica luz matinal diante da qual o subterfugio é um simples jogo infantil... E tambem para sua perfeita felicidade... com Irving Thalberg. E elle é testemunha "occular" de que o systema é um facto...

A cabeçeira de sua cama é estofada em velludo *chartreuse*. Sua *lingerie*, no emtanto, é toda de tecidos vaporosos, se bem que ella a desejasse bem mais enfeitada. Mas é possivel que se contrarie assim para disciplinar a alma...

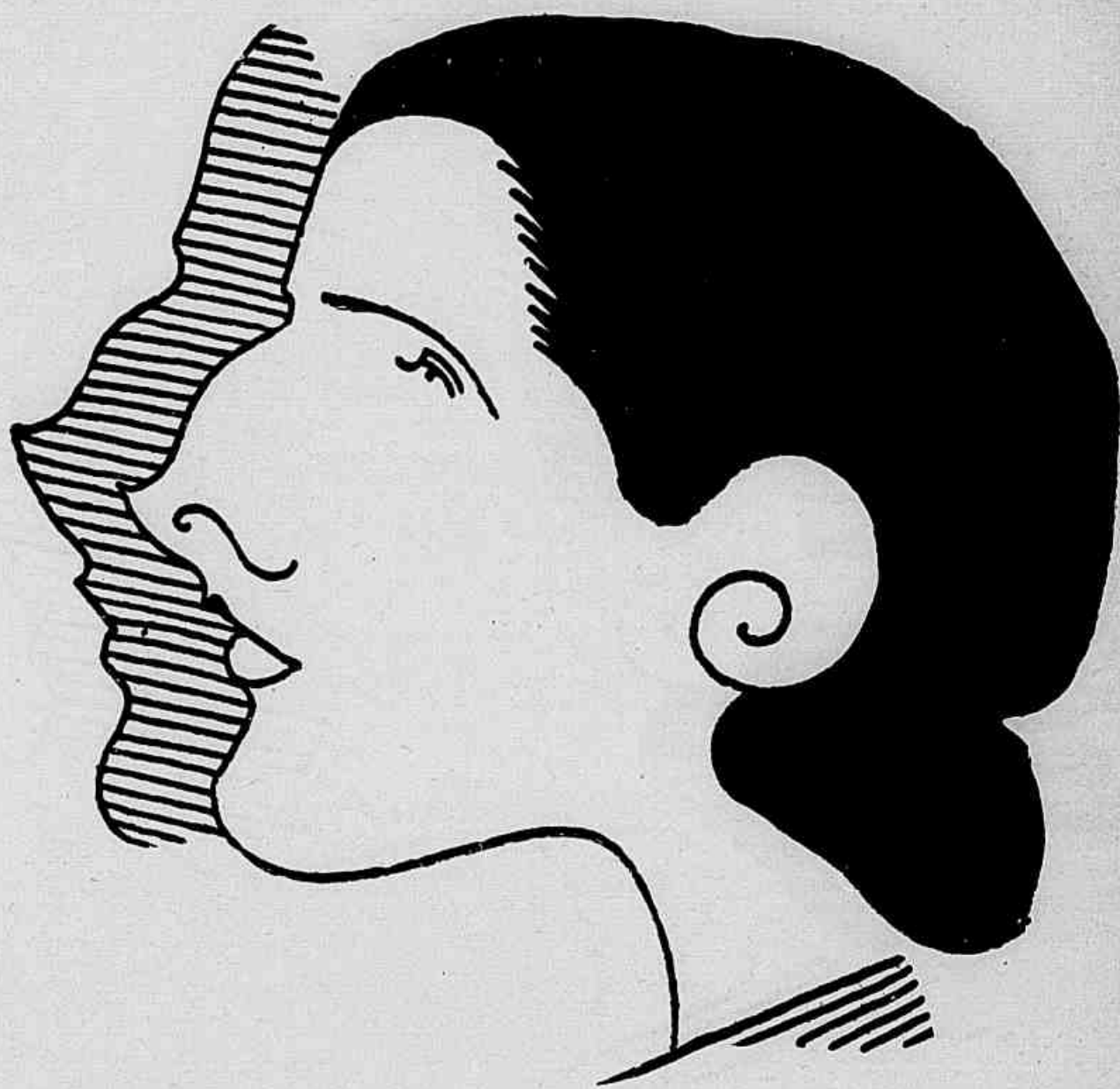
E' somnanbula e róe a unha do menor dedinho da sua linda mão esquerda. E' supersticiosa. Bem por isso ninguem poderá dizer que já a viu de cócoras, apanhando grampos perdidos. Dizem que isso faz perder uma boa amizade... Crê que cousas velhas trazem felicidade. E por isso, emquanto fazia *Gozemos a Vida* (o Film que fez antes de dar a Irving um herdeiro), voltou a morar numa casa que detestava, mas era velha. Por isso, tambem, não desiste do seu acanhadissimo camarim, no Studio, com o qual começou, apesar de merecer — como não! — um *bungalow* de "estrella": - oito salas e quatro banheiros...

Fez papelotes até ficar parecida com boneca de creança travessa. Depois solta os cabellos. E penteia-os. Escova-os. Torna a escoval-os, até tornarem-se novamente lisos... E sente-se melhor, porque acha que toda mulher deve ondular os cabellos...

Tem appetite de athleta. Seu phisico no emtanto, não soffre alteração alguma. Adora comidas assucaradas. Come cousas de vespera, adormecidas. E após os exercicios matinaes ingere aguá morna com limão num copo bem cheio.

E' companheira e amiga inseparavel do marido. Mas não quer saber de jogar *bridge* com elle. Depois das vinte e tres horas começa a bocejar que é um desastre...

Seu maior desgosto é uma covinha que tem na maçã direita do rosto que não photographa

Eis o retrato dessa dama encantadora e brilhante que é Norma Shearer.

FRANK MARSH foi preso pela policia new-yorkina, como o autor do assassinato da senhora Ruth Tindal.

E' uma emergencia esta das mais desagradaveis da vida e a que está sujeito qualquer um de nós de um momento para outro suspeito de termos praticado um acto, sem podermos provar a nossa innocencia, emquanto não surgirem as provas irrefuctaveis.

Era nesses apuros que se encontrava o nosso sympathico e querido Richard Arlen. Accusado de um homicidio sem poder provar que estava innocente, porque todas as provas circumstanciaes apontavam contra elle a justiça não tinha outro dever senão detel-o. Se, ao menos não existisse a prova de que o marido de Jobyna Ralston havia sido amante da victima! Mas era justamente essa a maior de todas as circumstancias que o accusavam...

A policia entretanto devia dividir um pouco a attenção dos olhos e não pousal-os sómente sobre a pessoa do provavel criminoso. Devia reparar em outras cousas e se assim tivesse feito, não poderia deixar de observar a obcessão em que se achava o marido da assassinada para arrancar as provas indispensaveis para enviar Frank Marsh á cadeira electrica. Mesmo que elle soubesse que Frank era amante da sua esposa, não agiria daquella fórma como estava agindo, cercando-se de varios detectives e acompanhando todo o inquerito e processo como que numa sêde de vingança contra Frank Marsh...

O crime está affecto á delegacia onde McKenley é o commissario. Imaginem, o Victor McLaglen, commissario de policia... E Edmundo Lowe no papel de Russell Kirk, reporter de um jornal da metropole dos arranha-céos, está ao seu lado, auxiliando-o...

Mas — não era preciso dizer... fóra dalli, cada um no seu posto e fóra das repartições, elles continuam a namorar pequenas e a representar mais uma vez os eternos Quirt e Flagg...

No decurso do processo vem a saber-se que o accusado tem uma irmã — Vera — e a presença da pequena é exigida na delegacia.

"Lá vem ella"... — diz Edmund Lowe num daquelles olhares canalhas, para o seu rival...

O Capitão Flagg esquece-se do crime e dos seus deveres e em vez de continuar o interrogatorio, começa a "conversar" com os olhos e o sorriso de Adrienne Ames...

—"Você parece Pola Negri, pequena..." diz Edmund Lowe...

— "Cuide da sua reportagem e... ajude-me..." — interrompe-lhe o Capitão Flagg. Naturalmente porque o ambiente ali fosse de respeito, elles não usam a celebre linguagem do codigo "What Price Glory"... mas o que nós sabemos é que os dois ficam cahidos de amores por Vera...

McKinley já nem tem mais geito de fazer perguntas á pequena sobre o crime... e fica quasi acreditando no que ella está dizendo, defendendo a innocencia do irmão.

Entretanto Vera não correspondé ao amor do commissario e gosta mais do reporter. Isso deixa o policial com mais vontade ainda de declarar a culpabilidade de Frank.

McKenley, que tinha um coração generoso, está entretanto empenhado em não acceitar nenhuma prova de defesa do accusado. Isso desespera a moça que appella para os sentimentos do Capitão Flagg... Este, porém, era um desses policiaes que tudo sacrificam ao cumprimento do dever. Demais elle está convencido de que o irmão de Vera e realmente o assassino!

Frank protesta a sua innocencia, inutilmente.

— "Não é elle, então quem foi?"

— "Quem foi que matou?"

— "Vamos, responda!"

São ouvidas varias testemunhas. Todos os depoimentos accusam o innocente Frank. São todos testemunhos circumstanciaes, mas a ujstiça não póde deixar de acolhel-os com interesse...

MATOU

(GUILTY AS HELL)
FILM DA PARAMOUNT

Russell Kirk ...... *Edmund Lowe*
McKinley .... *Victor McLaglen*
Frank Marsh ..... *Richard Arlen*
Vera Marsh ...... *Adrienne Ames*
Jack Reed .... *Ralph Ince*

Tem-se a impressão de que Frank não poderá escapar da cadeira electrica.

Entretanto, o marido da victima, que era verdadeiramente o assassino, trahe a si proprio num dos seus manejos para collocar o seu antagonista ainda mais suspeito aos olhos da lei...

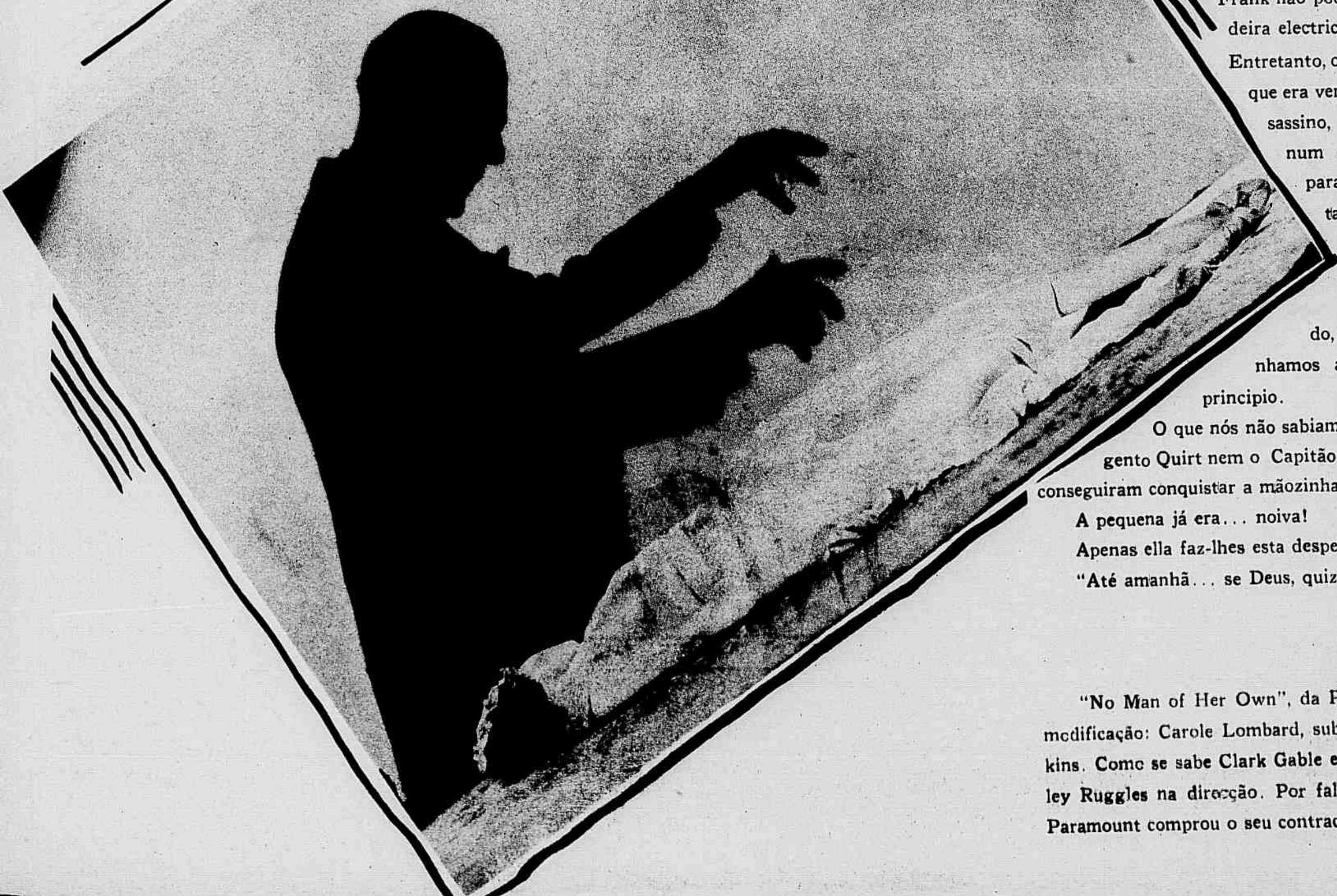
E Frank é absolvido, como aliás nós já tinhamos advinhado desde o principio.

O que nós não sabiamos é que nem o sargento Quirt nem o Capitão Commisario Flagg, conseguiram conquistar a mãozinha de Adrienne Ames.

A pequena já era... noiva!

Apenas ella faz-lhes esta despedida:

"Até amanhã... se Deus, quizer..."

"No Man of Her Own", da Paramount, tem nova modificação: Carole Lombard, substituiu Miriam Hopkins. Como se sabe Clark Gable está no elenco e Wesley Ruggles na direcção. Por falar em Wesley: — A Paramount comprou o seu contracto com a R.K.O.

Ben Blue

Ben Blue, Dorothy Layton e Gilberto

Não sei ainda se os meus patricios viram uma serie de comedias de Hal Roach — intituladas em inglez — *Taxi Boys* — cujo assumpto narra as aventuras e as desventuras de um numero de chauffeurs de praça. São muito novas, sómente este anno o Studio iniciou essa nova serie e, talvez por isso, o publico brasileiro ainda não tenha soltado boas gargalhadas com as farças e as coisas amalucadas que elles fazem deante da camera.

Uma coisa posso affirmar, entretanto — quando essas comedias surgirem vão vel-as e procurem conhecer um novo comediante. Ben Blue é o seu nome e elle é o maior *louco* que o olho de crystal de uma camera já focalizou. No dia em que passei toda a manhã, no Studio de Hal Roach, á espera de falar com Laurel e Hardy — o gordo e o magro — verdadeiros reis daquelle Studio, fiquei a apreciar uma scena de uma dessas comedias — *Taxi For Two* — que traduzido para portuguez é — *Taxi para dois*...

Numa das ruas do Studio, mais de trinta ou quarenta taxis e automoveis de todas as marcas estacionavam, numa barafunda medonha. Eram buzinas a tocar, gritos, imprecações!

Um cheiro de gazolina pelo ambiente. Motores a roncar, e só se ouvia — o buzinar nervoso, impaciente de uma quantidade infinita de sirenes... Parecia até a Avenida, sabbado á tarde, depois das seis horas! E tudo aquillo era motivado apenas porque o carro de Ben Blue — o chauffeur maluco, fôra de encontro a um outro, causando aquella trapalhada dos diabos!

Lá estava Ben Blue — fardado, com seus olhos muito grandes a olhar espantado e receioso, ao mesmo tempo, para um policia deste tamanho. O policia gritava — "Que é isso? Vamos, seu idiota!

Ben Blue revirava os olhos, procurava um geito para as mãos e estas pareciam mais nervosas e mais *faladoras* que as da Zasu Pitts! Elle ficava embaraçado, abria a bocca para dar uma explicação e a fechava de novo... a vóz ficava presa na garganta, pois o olhar terrivel do policia estava dizendo — *duas noites na cadeia* ou multa de dez *dollars!*

Nisto chega outro chauffeur. Um sujeito gordo, mais gordo do que o nosso sempre saudoso Chico Boia. Elle vem afobado, suando em bica, e quasi não póde falar. Tenta explicar, dizendo que o carro de Ben Blue vinha a cincoenta kilometros por hora...

Nisto — o espirro que faz parte do seu caracter nessa serie de comedias, vem! — Elle faz as caras mais impagaveis deste mundo, e finalmente espirra terrivelmente em plena face do policia, cuja paciencia chegara ao auge! Ben Blue, cada vez mais nervoso — procura acalmar o policia raivoso. Sorri... faz uns passinhos do *boy* de corpo de bailado... revira os olhos, e — finalmente, fala baixinho ao ouvido do policia. Este arregala os olhos e lê um letreiro á porta do carro, cujas cortinas estavam arriadas — *Favor não interromper...*

Um casalzinho deveria estar dentro do carro. Ben Blue morde os labios, pisca o olho para o policia e sorri com malicia...

A scena era uma das mais impagaveis que eu já assistira. Na verdade, nunca tinha visto a Filmagem de uma dessas comedias amalucadas, onde todo o mundo corre, despenca pelas escadas abaixo — vive aos esbarrões. Nunca vira com que força os famosos pastelões são atirados á cara do villão... Para mim, aquillo tudo era um genero novo, divertido como quê!

E, confesso, não posso explicar com toda a verdade, o que é esse novo comediante. E' preciso que vocês todos o vejam, apreciem-no como elle deve, realmente, ser apreciado.

Ben Blue, pelo que vi e assisti, naquella manhã, vae ser uma verdadeira sensação. Elle arrebatará as platéas, fará o publico morrer de tanto rir. O seu genero é a excentricidade — coisas loucas, p o i s, durante muitos annos, elle foi conhecido como o "mais maluco' de todos os comicos de New York.

E, em pessoa, é uma creatura sympathica. D e u m a sympathia u n i c a, tão differente do que é nas comedias.

Dias mais tarde, depois que com elle palestrei no Studio, voltei a encontral-o num theatro de Hollywood. Reconheci-o, apesar delle estar elegantemente vestido, com o apuro de um Clark Gable ou de um George Raft. Nem parecia aquelle chauffeur amalucado, trajando a farda e as perneiras de couro preto. Era um verdadeiro gentleman que eu tinha ao meu lado, a conversar sobre a peça, explicando-me detalhes da mesma. O espectaculo era dado por uma companhia de pretos e representava a vida do bairro de New York — *Harlem*. Elle, que tantos annos vivera na cidade que tem o orgulho de possuir essa Broadway famosa e illuminada, explicava-me pormenores do bairro dos pretos, suas lutas, seus amores, seus typos, suas pecualiaridades.

Elle fala com vóz grave — mas sorri a todo o momento. Conversa com desembaraço e é de uma simplicidade que encanta.

Apresentou-me á esposa, uma linda creatura loura, elegantemente trajada e coberta de joias. Foi a primeira vez que vi uma mulher americana com lindas joias. Olhem, caros leitores — brilhantes e esmearaldas nesta terra custam verdadeiras fortunas! Mas, Mme. Ben Blue as possue

o que me fazia acreditar que fazer loucuras deante da camera rende bastante.

Hal Roach contractou Ben Blue para uma comedia, apenas. Esta foi passada numa *preview* e a reacção do publico foi tão grande — o successo delle foi tão espantoso e o seu agrado tão extraordinario que immediatamente o famoso productor o chamou e o fez assignar um contracto por cinco annos. Olhem que isto é coisa rara, em Hollywood, tratando-se de comicos. Só os nomes estabelecidos, senhores de uma popularidade invejavel como o caso de Laurel e Hardy, tem contractos duradouros, de longo termo. Mas, Hal Roach que soube fazer de Laurel e Hardy uma dupla notavel — que acompanhou e desenvolveu a carreira de Harold Lloyd e fez do nome de Charles Chase uma figura popular, sabe onde ha valor, por isso, antes que outra empresa tomasse os serviços desse novo comediante, elle o tem ainda por muitos annos.

Eu predigo que Ben Blue, em menos de um anno, será um dos nomes mais applaudidos e queridos do Cinema. Elle faz coisas incriveis, com a maior facilidade deste mundo. O seu genero, em parte, lembra Clyde Cook, em suas velhissimas comedias para a Fox, ha muitos annos. Mas, Ben Blue é o que se póde dizer — o typo acabado do louco, com todos os symptomas, todos os detalhes. O diagnostico não póde errar — elle é desses que tem uma veia de menos...

Preparem-se p a r a conhecel-o. Não deixem por nada deste mundo de o ver, pois vão rir-se a mais não poder e, com certeza, voltarão, logo que o Cinema prometta novas e loucas aventuras do chauffeur de praça.

Agora, vocês hão de perguntar — mas de onde sahiu elle? Muito simples — a resposta está prompta. Ben Blue vem do theatro, de companhias de vaudeville, onde foi dansarino excentrico. Depois, no Earl Carroll Vanities, teve opportunidade maior para convencer a platéa de que é mesmo louco... Ficou querido, famoso em New York e, mais tarde, resolveu tentar o Cinema. Foi um agente que o trouxe para Hollywood, quem propoz os seus serviços ao Studio... Gostaram, riram com elle e lhe deram um papel numa serie de comedias. O publico, porém, sempre o unico juiz, disse a palavra final. Acceitou o comico, deu-lhe o applauso merecido, ajudou-o com seu enthusiasmo, e tudo isso foi direitinho ao cerebro de Hal Rach. No dia seguinte, Ben Blue estava contente e no seu bolso um papel dobrado em t r e s — o contracto com um estupendo ordenado semanal, promessa de optimas his-

Um Successo!

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLWOOD

torias e todas as garantias de um futuro magnifico. E a causa de tudo isso?

A sua espantosa facilidade em fazer-se de idiota — de louco, de maluco! Agora, digam-me — é Hollywood a cidade que só dá desillusões? Que só offerece lagrimas e tristezas? Não — não está aqui o caso deste artista que encontrou o que almejava? Mas, a sorte é assim — não póde bafejar a todos, senão Hollywood seria, hoje, povoada com tres mil quinhentas e cincoenta companhias de Films — afim de que todos os que aqui vieram buscar fama e fortuna pudessem nadar em ouro e possuir tres ou cinco Rolls-Royces!

Elle, entretanto, recebeu os factos com a mesma naturalidade. Sabe que teve muita sorte e isso não o mudou. No Studio, emquanto, elle se afastava, novamente para terminar uma scena — diziam-me: "E' muito novo aqui, mas já soube conquistar a todos nós. E não pude deixar de ouvir a palavra convencional para as pessoas boas — *é uma perola !*

Parecia estar até ouvindo a minha tia Carola, recordando o marido que a grippe levou, em Outubro de 1918... A minha cicerone, uma senhora amavel e gentil, trata de apresentar-me a todo o mundo. Assim, emquanto aguardava o momento para tirar uns retratos com Ben Blue, ella me leva até Dorothy Layton e apertamos a mão.

Dorothy tambem é nova dentro do Studio e como é linda! Lourinha, com um sorriso que vale por dois milhões. Fala com uma vózinha agradavel, arrastando as palavras como boa filha do sul. Seus olhos são azues e pequenos, mas brilham como duas contas...

E as apresentações não terminavam. Agora, era o director das comedias dos *Peraltas* que pára e fala commigo. Ali estava o homem mais paciente do mundo — um homem que é obrigado para ganhar a vida a aturar um bando de garotos terriveis, e cujos bolsos vivem sempre cheios de pirolitos e balas, para convencer o garotinho menor da turma — a dizer gracinhas que vão tocar o coração de todas as mamãs e papaes felizes que têm tambem, em casa, um anjinho que é um mimo e o garoto mais prodigioso deste mundo!

Apertei a mão de Mc Gowan e quasi lhe dei uma medalha pelo seu heroismo... Depois, uma senhora ruiva, de dentes postiços chega-se p a r a nós. Muito encantadora, entretanto, s o r r i n d o e mostrando o trabalho do dentista. Ella é a mamãe do garotinho menor da turma dos *Peraltas*... Fala nelle, diz as suas ultimas gracinhas e confessa que elle é o mais intelligente e o mais bonitinho de todos os seus...

"Até logo, minha senhora!" digo eu, voltando - me, novamente a olhar Dorothy Layton, uma *creancinha* muito mais interessante que todos os bebés deste mundo !

Qual, Hollywood é um logar ideal para viver-se! Vocês não acham? A gente ri com gosto... e sente sempre vontade de rir muito mais!

Bem, agora, vamos tirar os retratos com Ben Blue. Elle acabou de fazer os seus ultimos tregeitos e as suas maluquices deante da camera.

Pôsamos — e agora olhem para as photographias. Vejam só a pose e a attitude de Ben Blue e... podem ficar com inveja de mim... A garota que está no meio é a Dorothy Layton... Qual, Ben Blue é mesmo camarada!

Pois, nestas linhas ligeiras, vão notas e commentarios sobre a personalidade desse novo comico. Prestem bem attenção nas minhas palavras — não se esqueçam que eu disse — *Ben Blue vae ser um grande successo!*

O proximo Film de Jean Harlow para a Metro, será "Nora", original de Anita Loos e quem vae dirigil-o é Rowland Brown.

A Fox contractou Genevieve Tobin, para uma série de Films, o primeiro dos quaes será "Pleasure Cruise". Norman Foster, o marido de Claudette Colbert, é o galã.

Zita Johann, foi emprestada pela Universal á Paramount, para o Film — "Luxury Liner". Zita é... linda!

Ben Blue e Gilberto Souto, representante de "Cinearte", em Hollywood

O NOVO

Charles Laughton e senhora...

HOLLYWOOD crê sinceramente ter no horizonte, afinal, um legitimo successor de Emil Jannings. Os que assistiram THE DEVIL AND THE DEEP e já presenciaram a exhibição privada de THE SING OF THE CROSS acham, com convicções amplas, que surgiu do oceano Cinematographico mais um gigantesco Moby Dick da representação. Quem ainda não o viu e os que ainda não assistiram THE DEVIL AND THE DEEP, saibam que os operarios do palco onde se desenrolou a scena da morte de Laughton, nesse Film, após assistirem a mesma, indifferentes como habitualmente são, não se contiveram: — applaudiram freneticamente. E Charles Laughton é seu nome. Guardem-no bem porque é um nome para cartaz de fachada e em pouco tempo.

Charles Laughton é um homem estupendo. Sabendo-se a maneira pela qual elle conquistou num lance a platéa americana, em New York, quando lá desempenhou papel saliente em PAYMENT DEFERRED (para cuja versão Cinematographica a M.G.M., já o pediu emprestado á Paramount); conhecendo-se a sua série magnifica de successos, em Londres; e agora assistindo a série de papeis gloriosos que elle está inaugurando apenas com ligeiras amostras do que elle realmente poderá fazer; maior será nossa admiração quando soubermos que elle tem apenas SEIS ANNOS DE PALCO e conta apenas TRINTA E DOIS ANNOS DE IDADE.

Como Jannings, Laughton sente-se bem quando interpreta papeis de homens de idade madura cheio de angustia mental por effeito de determinadas obcessões. Lembram-se de Jannings, o allemão genial em A TORTURA DA CARNE, VARIETÉ ou MADAME DU BARRY? Jannings, fazendo taes papeis, estava mais ou menos proximo da idade dos protagonistas desses dramas. Laughton, no emtanto, desempenhando a mesma sorte de typos tem idade para ser filho de Jannings, até!

A impressão que elle dá de homens idosos é perfeita, porque elle augmenta quinze annos na idade com o corpo immenso que tem. Usa um bigode que raspou logo ao primeiro Film. Veste-se bem e confortavelmente. Deixa o cabello á vontade, quasi em desleixo. Vendo-o, ninguem pensa que elle seja um artista e muito menos um artista de Cinema. Elle personifica bem aquelle modo de ver de um artista celebre que disse ser a apparencia nada em relação á interpretação. Um artista póde dar a impressão de um pugilista, mas será um perfeito cavalheiro num palco ou diante de uma *camera*.

Charles Laughton nasceu em Sarborough, Inglaterra, a 1 de Julho de 1900. Sempre quiz ser artista. Ou antes, desde que se conheceu por gente. Nunca teve outra ambição, na vida, que não fosse essa. Sua familia, no emtanto, era toda composta de elementos da classe de empregados de hotel e querendo que elle continuasse a "linhagem," em principios e costumes, não incentivaram seus pendores artisticos.

No collegio elle conseguiu representar num palco de amadores. Um de seus companheiros de escola e palco, em Stonyhurst, onde se educou, foi hoje igualmente celebre e esplendido

Colin Clive que recentemente vimos como protagonista em FRANKENSTEIN.

Mais tarde, encontraram-se novamente. Foi durante a guerra. Serviram com o Setimo, de Norte Hampdenshire. Nesse muito conhecido regimento de infantaria elle serviu, oito mezes. O que nos admiramos é de que fosse apenas cabo, porque elle dá a impressão de um perfeito general, pessoalmente.

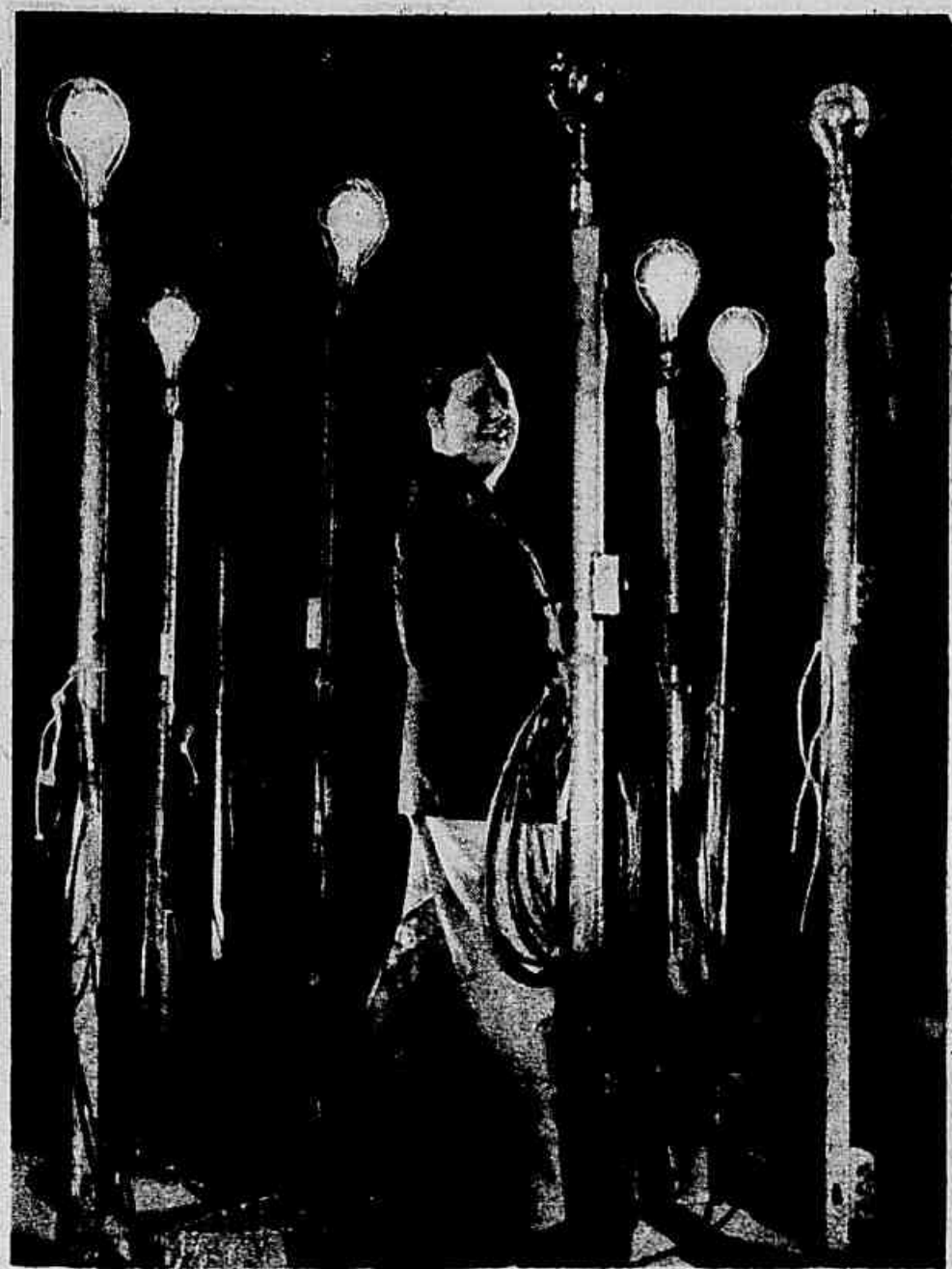
Com o armisticio, a idéa de voltar ao officio de hoteleiro pareceu-lhe incrivel. Laughton tinha feito certa aprendizagem no Claridge de Londres. E foi justamente nesse estabelecimento que elle adquiriu muita pratica da vida que hoje tem para auxiliar os perfeitos desempenhos que dá a seus papeis. Mas a familia queria que elle voltasse ao hotel que elles mesmos mantinham. Salvou-o desta situação triste um irmão que se offereceu para tomar seu logar. Elle fez exactamente o que outros hoje collegas seus tambem fizeram: — Clive Brook, Leslie Howard e Colin Clive, que tambem deixaram outras carreiras para se dedicarem ao theatro.

Laughton alistou-se como alumno da Real Academia de Arte Dramatica. Tal foi sua aptidão, logo demonstrada cabalmente, que conseguiu victoria retumbante ganhando até medalha de ouro.

ERO

Apesar do premio, elle não adiantou nada como profissional, porque uma medalha que elle pensou ser passaporte até mundial, nem siquer um emprego de "extra" conseguiu-lhe num theatro de arrabalde... E elle comprehendeu que o mundo é sempre o mesmo, seja ao norte ou ao sul.

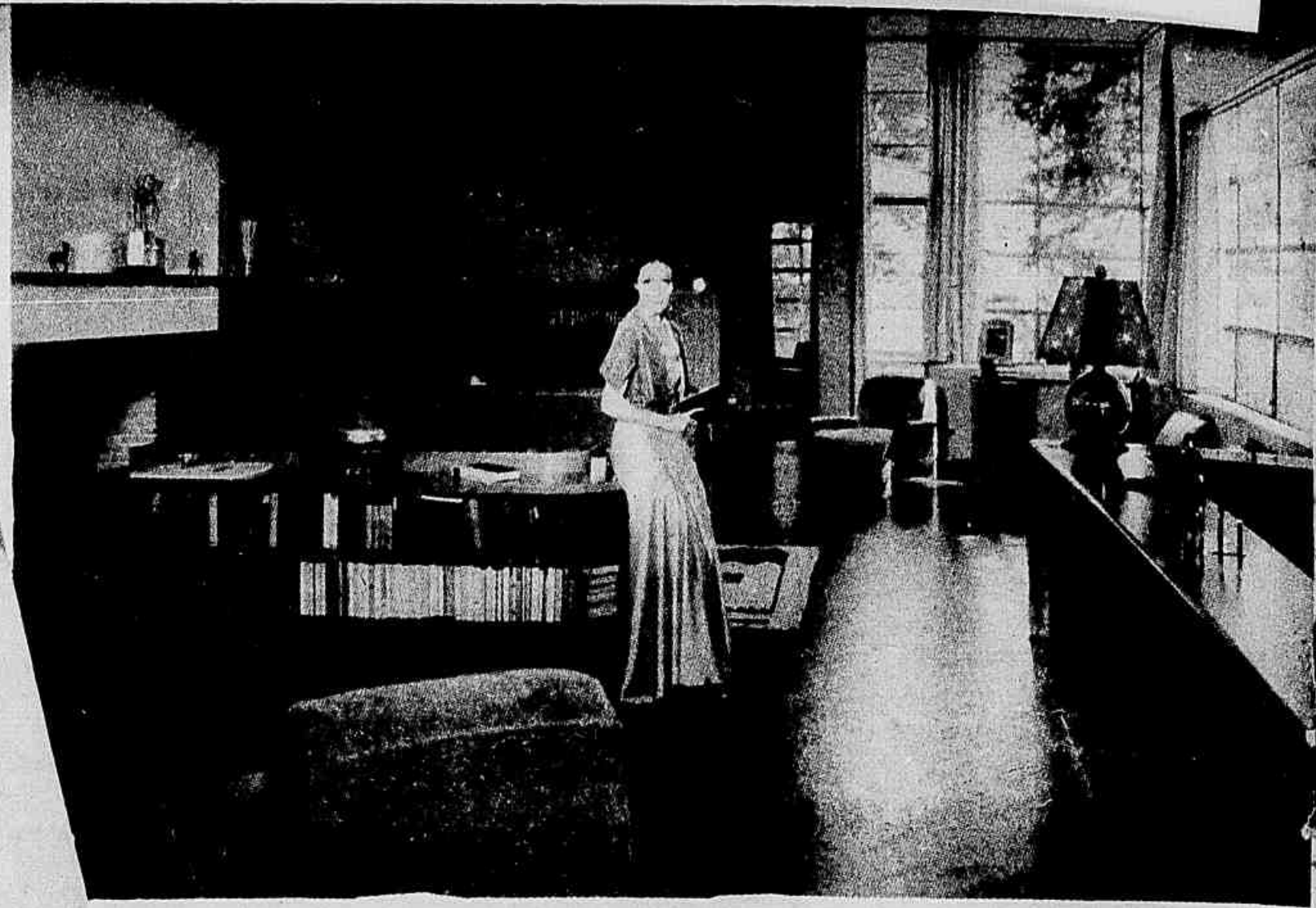
Apenas em Abril de 1926, foi que elle conseguiu seu primeiro papel, o de "Ossip", em THE GOVERNMENT INSPECTOR, num dos theatros de arte de Londres. E elle, depois desse inicio que transformou em consagração, atirou-se para a frente como um bolido, conseguindo victorias sobre victorias e cada qual mais admiravel do que a outra. O Rummell da peça de Ibsen PILARES DA SOCIEDADE; o Ephikhod da peça O POMAR DE CEREJAS, de Chekhov; o Ficsur da LILIOM de Molnar; o Creon da MEDEA; o Pahlen de O PATRIOTA (papel que Lewis Stone fez no Film ALTA TRAHIÇÃO); O Mr. Prohack, da peça MR. PROHACK de Arnold Bennett; o Mr. Crispin da peça O HOMEM DE CABELLOS VERMELHOS, de Hugh Walpole; o O'Casey, de A BORLA DE PRATA; o Poiret do ALIBI; e o Tony Perelli de NA MIRA.

Esta ultima peça citada foi escripta especialmente por Edgar Wallace, fallecido ha pouco, para Laughton. O autor chamou Laughton á sua casa e lhe disse que tencionava escrever uma peça especialmente para elle. Começou a explicar a Laughton as linhas mestras da mesma, as quaes não agradaram ao artista. Não o quiz dizer directamente ao genial escriptor. Não o quiz e nem pela delicadeza devida podia fazel-o. Aguardou a primeira *chance* e esta appareceu-lhe em fórma de uma revista. Na capa annunciava a mesma, no texto, photographias e commentarios em torno de um *gangster* americano. Laughton fez uma dissertação sobre o caso e disse o quanto lhe agradaria um papel assim. Wallace comprehendeu e disse-lhe que escreveria a peça e foi dessa fórma que NA MIRA veiu ao mundo.

O maior successo de Laughton, no emtanto, veiu-lhe apenas no anno seguinte com PAYMENT DEFERRED, a peça de Jeffrey Dell. Essa peça, na qual Laughton tinha o papel de um homem simples e modesto que, moral abatida, commettia um crime, captivou Londres pela maneira de Laughton interpretal-a Seguiu-se a inevitavel triumphal temporada em New York e, mais inevitavelmente ainda o Cinema.

Charles sente-se satisfeito com seu primeiro Film, THE DEVIL AND THE DEEP. Acha que se começasse exhibindo-se em PAYMENT DEFERRED, como velho, fatalmente cahiria nesses papeis para sempre e o primeiro que teve deu-lhe a opportunidade de vestir boas roupas, o que elle até estranhou.

Elle viu com enthusiasmo a perspectiva de ter o papel de Néro no Film THE SING OF THE CROSS, de De Mille. Estudioso das cousas antigas, com certeza, elle sabia mais a respeito de Néro do que o proprio e tambem estudioso De Mille. De accordo com o que Laughton acha de Néro, elle era, não só um homem cruel, como tambem afeminado e, acima de tudo, um artista.

— Néro costumava representar. Não para platéas que o estimassem e o apreciassem como artista e, sim, as platéas as quaes elle ORDENAVA que comparecessem e applaudissem suas representações. Assim que todos chegassem, ordenava que fechassem todas as portas e não deixava ninguem dali sahir a não ser ao fim do espectaculo. Neste particular, aliás, muito artista até hoje o inveja...

(Termina no fim do numero).

Dolores,

ANDAS MUITO SOCEGADA E ABANDONADA.
SERA' PRECISO MAIS "SANGUE POR GLORIA?"
ESPEREMOS "O PASSARO DO PARAISO", QUE A RADIO VAE APRESENTAR.

BETTE DAVIS

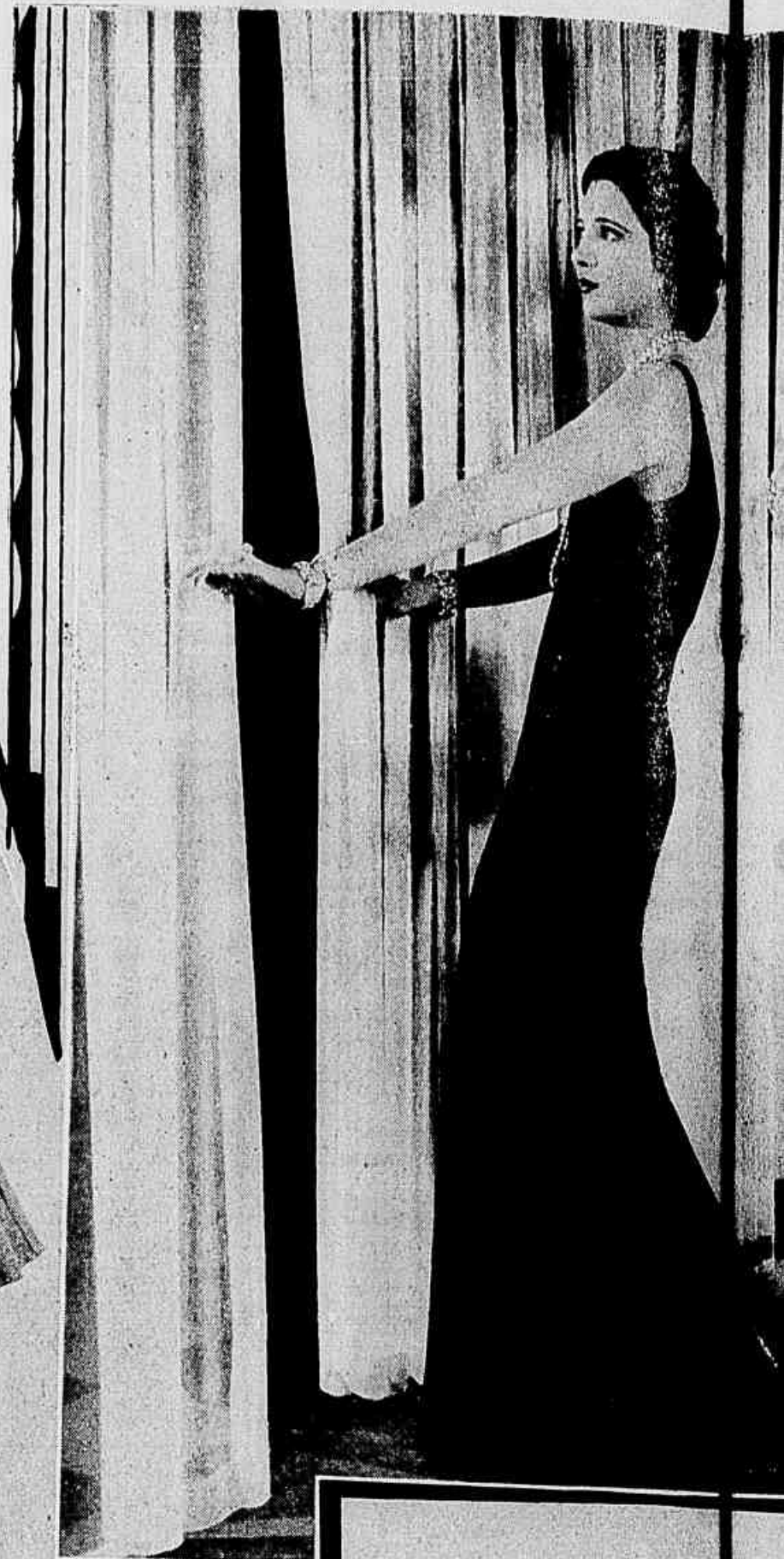
Kay

Frances Dee

Carole

VESTIDOS

DE

HOLLYWOOD

Miriam Hopkins

Karen Morley

Sari Maritza

Ao lado, Evalyn Knapp

Bette Davis

za

Nora Gregor

Constance Cummings

Tarzan

Johnny Weissmuller

Ao lado, reproduzindo a celebre estatua do primeiro homem que implicou com o disco de gramophone...

Walter Byron

de Portugal

(De J. Alves da Cunha, correspondente de "CINEARTE")

"CAMPINOS DO RIBATEJO". — Não era sem ansiedade que os Cinephilos portuguezes aguardavam ha muito a apresentação de CAMPINOS DO RIBATEJO e que por vezes chegaram a pensar não vel-o surgir á luz da publicidade écranesca, como succedeu com o *Diario de Lisboa* de Rino Lupo, A DANSA DOS PAROXISMOS de Brum do Canto e outros concluidos e nunca apresentados, não se sabendo bem porque. Não é que essa ansiedade fosse provocada por uma quasi certeza de perfeição da obra, mas pela natural curiosidade que em todos nós nasce de ver e apreciar o valor do esforço daquelles que se mettem a alçar com a sua quota para a industria Cinematographica em Portugal.

Assim, quando já todos desanimavam, de ver o Film atirado para o caixote do esquecimento, surgiu duma forma quasi inesperada a noticia da sua exhibição, para o publico.

O Film estava destinado no começo da sua realização a ser sonoro.

Difficuldades de ordem financeira impediram porém de levar a cabo tal intenção, tanto mais que as imagens teriam de ser sonorisadas em França em virtude da falta dum Studio entre nós completamente apetrechado, de maneira a confeccionar-se qualquer producção á altura das actuaes exigencias do phonocinema.

(Felizmente que veremos suprida brevemente esta necessidade com o novo Studio da Tobis Portugueza).

Resolveu-se então apresentar CAMPINOS DO RIBATEJO em versão muda, com um acompanhamento musical apropriado á acção. Isto em Lisboa. No Porto, foi o acompanhamento vitaphonico, improvisado com discos, tambem mais ou menos adequados ao ambiente, o que aliás não foi de mau resultado.

A historia de CAMPINOS DO RIBATEJO, é um pouco convencional, sem grande força de imaginação.

Mais um pretexto para correr na tela todos esses bellos exteriores do Ribatejo, mostrados pela primeira vez em A SEVERA, e alguns aspectos rusticos e rudes da vida dos campinos. E é isso que valoriza sobremaneira esta pellicula de Antonio Luiz Lopes. Ha que reconhecer todavia a intelligencia da sua direcção, tratando-se da primeira fita por si dirigida. Elle revela uma louvavel visão do que é construir um Film, dando-nos imagens focadas com sentido de expressão e de detalhes por vezes interessantissimos.

E no conjuncto, o Film, acentuado embora pela pobreza de acção e movimento romanesco, é digno de apreço, já pela belleza d'algumas imagens paisagisticas cheias dessa poesia que lhes empresta a natureza, já pelos motivos inherentes á vida desses guardadores de gado, regionaes, pelas lezirias.

Entre outras scenas de destaque, convêm frizar a que precede a ferra do gado e na qual os campinos colleam este.

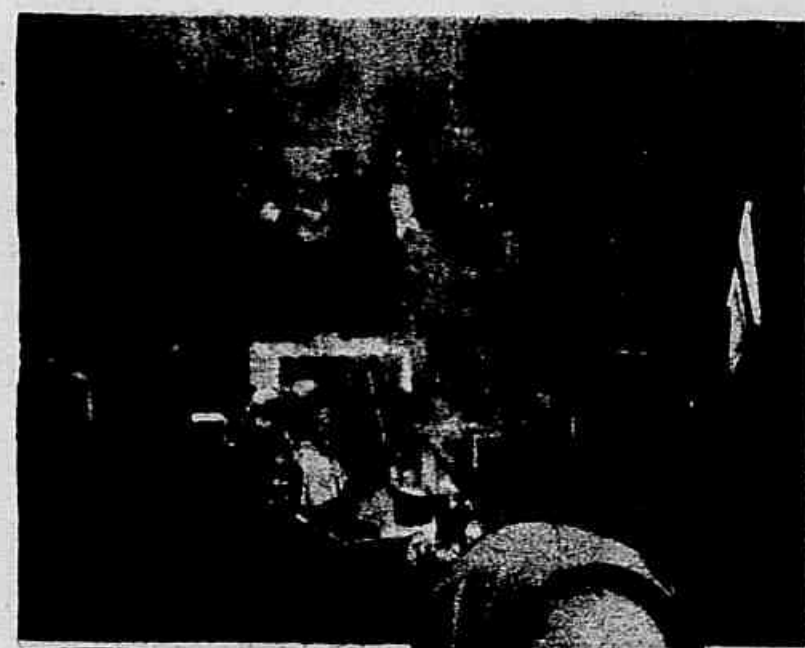
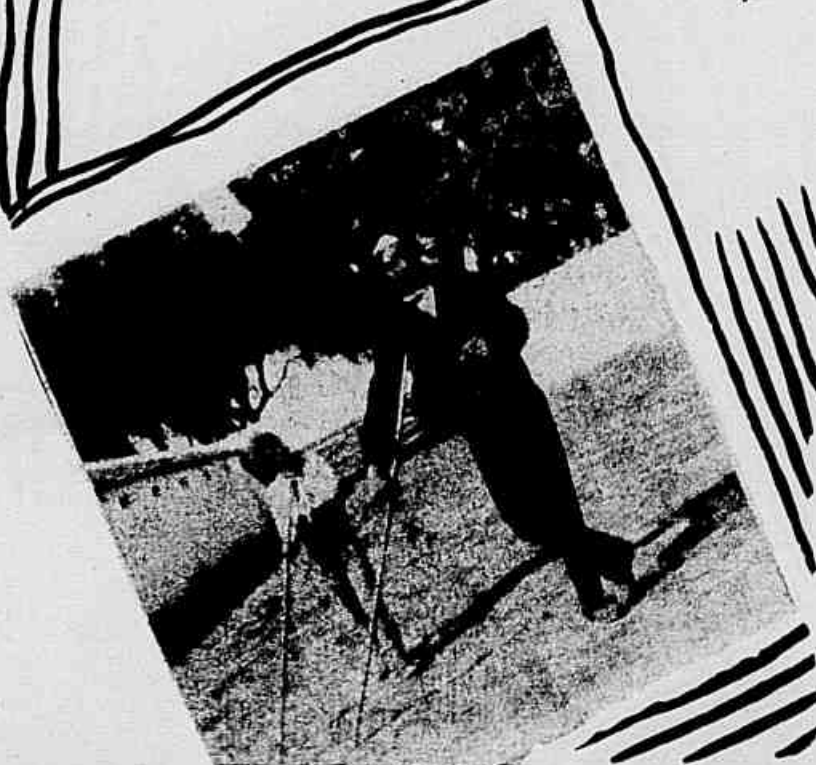
A Filmagem aqui é notavel, com movimento, acompanhando a "camera" as correrias do gado espicaçado. A scena está encarada com a amplidão imprescindivel ao seu effeito de movimento e destreza.

Mas, dou-vos a historia em breves linhas:

Numa propriedade dum abastado senhor, trabalha um campino-maioral, rude e destemido. Num dia em que este procura livrar da perseguição de um boi bravo a bonita filha do seu patrão, uma outra mulher verdadeira "vamp", ao apreciar a attitude destemida do campino, deseja-o para amante. E consegue-o, mas por pouco tempo; porque esse amor não agrada á irmã do campino receosa de ver seu irmão com uma mulher que é de outrem. Intervem para esse rompimento a filha do patrão que se manifesta algo apaixonada pelo rapaz.

Novamente elle volta a pôr á prova a sua agilidade, livrando pela segunda vez do perigo a filha do patrão que corre sobre um cavallo tomado de freio nos dentes.

Emquanto esta se acha desmaiada, o campino olha-a enlevado. Entretanto ella recupera os sentidos e surprehendendo-o numa attitude apaixonada, increpa-o asperamente: Tú, um campino teres a coragem de pretender beijar-me?! (E ella amava-o. Mas por que, esta replica tão desabrida? Attitudes incomprehensiveis de quem ama.) O rapaz sente-se ferido no seu amor proprio e abala para Lisboa, aceitando uma offerta que lhe haviam feito para tourear. Assim, ganha nome e torna-se celebre. O resto vocês estão a ver: a filha do seu antigo patrão chega-se e a historia acaba... como nos Films americanos. Além das scenas a que já alludi, ha outras bem conduzidas como sejam a dos toureios e alguns "travelings" apreciaveis, como ainda o que nos mostra o campino na pegada do cavallo desenfreado que leva no dorso a filha do seu patrão.

Rafael Luiz Lopes e Albano Negrão em "Campinos do Ribatejo"

Maria Lalande em "Campinos do Ribatejo".

Dina de Vilhena, uma das figuras do mesmo Film.

Olhando os defeitos, caracteristicos já no nossa producção, temos o desequilibrio duma obra Cinematographicamente perfeita na sua extensão absoluta. Se é certo que aqui e acolá surgem bocados interessantes, outros ha monotonos motivados pela estabilisação demasiada de alguns personagens em troca de palavras mudas, auxiliadas pelas legendas, o que mais agrava a harmonia da producção.

Geralmente os realizadores portuguezes disfarçam sempre um pouco a ausencia duma profunda competencia e duma nitida concepção Cinematographica, com imagens bonitas e encantadoras, dum aspecto documental ou folklorico.

Então estendem-se por esses logares attrahentes á vista, fazendo a maior parte dos seus Films com quadros naturaes e pitorescos.

E' natural que Antonio Luiz Lopes sendo a primeira vez que se mettia a arcar com as responsabilidades da direcção dum Film, procedesse assim tambem, com certo receio do resultado da sua obra. Ou então procedeu firmemente no desejo de explorar melhor o que nos fôra mostrado um pouco em A SEVERA. E neste caso não se póde dizer que andasse mal, mas preferiamos que tivesse variado de ambiente.

Tiramos ao menos desta forma o proveito de vêr um album admiravel das nossas coisas, do nosso folklore? Sem duvida. Melhor seria no emtanto, que cada realizador variasse em cada Film, em vez de repizarem o que já outros se deram ao cuidado de mostrar. Longe de mim anathemisar o Film só porque elle persiste numa atmosphera já conhecida dum Film anterior.

Ponhamos de parte esta pequena divagação e voltemos á analyse do Film em questão:

Antonio Luiz Lopes preoccupou-se sobretudo com a paisagem e menos com o conflicto humano. Dahi o conseguir uma interpretação homogenia no geral, mas sem grandes manifestações de alma e de jogo physionomico por consequencia.

Chegamos assim a convencer-nos de que a sua intenção foi dar-nos especialmente a belleza dos exteriores ribatejanos, animados pelo sol, ou amortecidos dolentemente pelo poente. E nisto as honras vão tambem e bastante para os photographos Selazar Diniz, Cesar de Sá e A. Quintela.

Falando agora do papel de cada um dos interpretes, nota-se primeiro que tudo a revelação do pequeno Rafael Luis Lopes no papel de ajudante do campino, demonstrando um verdadeiro temperamento inato de artista.

Para elle são justos os melhores applausos, que dum papel insignificante na acção soube tornal-o com a sua graça e extraordinaria vivacidade o mais relevante. Antonio Luiz Lopes que a par de realizador foi a principal figura masculina do enredo — o campino — têm um trabalho mais natural do que em A SEVERA no seu papel de Marialva. Não se acha tão apathico. Maria Helena é simplesmente bonita. Maria Lalande na irmã do campino mostra-se com expressão e sentimento dignos do seu papel. Dina de Vilhena, Gil Ferreira, Albano Negrao, Rafael Alves e Francisco Sévas compõem com mais ou menos acerto a distribuição.

Concluindo: a despeito dos erros comprehensiveis, Antonio Luiz Lopes deu-nos um Film agradavel duma maneira geral e que é um começo auspicioso da sua carreira de realizador. Por mais experimentados, temos visto peor.

Resta-nos desejar que no seu futuro Film "Touros de Morte", em projecto, e em cuja direcção terá a secundalo a actriz Maria Helena, os seus melhores predicados directivos se accentuem com mais segurança e multiplicidade, para contarmos com uma producção mais harmonica e perfeita.

+ + +

N O T A S

No meu artigo aqui publicado sobre a imprensa Cinematographica, achava-se uma gralha que alterou duma forma contraria a minha expressão. Quando me referi a vida mais desafogada das actuaes publicações Cinematographicas de Portugal, dizia eu: "E que hoje só a *crise* (e não *critica* como por engano foi composto) poderá affectar". — Assim é que está certo.

+ + +

Prepara-se a realização duma nova pellicula, FATIMA, que será dirigida pelo nosso collega nas lides da imprensa Cinematographica Antonio Lourenço, tendo como assitentes Gina Frois e Henrique Sant'Anna. A' manivela o operador já experimentado Arthur Costa Macedo. A versão Cinematographica é extrahida da oratoria do mesmo nome do poeta Dr. Affonso Lopes Vieira e a partitura do maestro Ruy Coelho.

Vejamos de que se trata, segundo os informes prestados pela propria empresa productora cuja intenção é a de produzir unicamente esta pellicula:

"Fátima" irá de paiz em paiz mostrar ao mundo, não só a belleza e o colorido de alguns dos nossos panoramas, mas tambem será uma amostra da nossa arte (poesia, canto, musica, realização Cinematographica, architectura de alguns monumentos, photographia, etc.) e mais ainda alguns aspectos da

(Termina no fim do numero)

sua namorada e de que ella não era uma moça digna de um homem verdadeiramente correcto, tal como Malone sempre demonstrara ser, mal grado as suas vaidades profissionaes. E Priscoe tentava convencel-o de que elle, na vida de Judy, não passava senão de um passatempo futil para ella.

Malone entretanto ria dos conselhos do seu "manager", tão certo estava de que a pequena estava por elle apaixonada e não considerava mais um brinquedo aquellas festas que ella lhe offerecia agora, todos os dias... Tudo aquillo era um pretexto que ella arranjava para tel-o ao seu lado e elle, por sua vez, ia tambem sentindo-se totalmente cahido pela moça...

(SOCIETY GIRL)

FILM DA FOX

Johnny Malone .... *James Dunn*
Judy Gelett .... *Peggy Shannon*
Briscoe .... *Spencer Tracy*
Walburton .... *Walter Byron*

Director: — SIDNEY LANFIELD

Caprichos de uma Mulher

Judy Gelett, herdeira de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos e elemento de destaque na alta sociedade, frivola e convencida como todos os importantes de alta roda, só pensando em organizar festas e preparar convites para as reuniões sociaes que realizava semanalmente, imaginára agora offerecer aos seus amigos uma partida de "box", com todos os seus requisitos...

E se imaginou essa extravagancia, melhor a realizou...

Para superintender a festa, ella convidou a Johnny Malone, um dos mais fortes jogadores do momento. Elle se encarregaria de organizar a festa e seria tambem um dos lutadores. Para garantir maior successo á reunião, Judy resolveu realizal-a no amphitheatro da cidade e tudo seria preparado de fórma a ampliar a importancia social de Judy e as vaidades pugilisticas de Malone. Sim, elle tambem não iria perder a opportunidade para exhibir os seus meritos, já absorvidos pela vaidade doentia...

A festa constituiu um grande successo, apenas trazendo um prejuizo para a pequena: ella não contava na attracção da personalidade de Malone e principalmente na sua sympathia immensa, que logo tomaram conta do coração da moça e com isso a sua vaidade ficou mais fraca...

——oOo——

Só Tom Warburton não via com bons olhos o progresso daquelle novo romance entre a moça e o boxeur, não obstante os meritos do mesmo... Judy, porém, contra os desejos de Briscoe, o "manager" de Malone, visitava agora, diariamente, o rapaz durante os seus "treinos", cousa essa que servia ao mesmo tempo para augmentar ainda mais a vaidade de Malone, vendo-se assim tão procurado e desejado por uma moça da alta sociedade e cuja fama de vaidosa era conhecida de todo o mundo. Na verdade, elles eram bem dignos um do outro. Vaidade por vaidade... eram eguaes, apenas a pequena, desde que por elle se apaixonára, vencida pela seducção do boxeur, não pensava em outra cousa senão nelle e ia esquecendo um pouco aquella vaidade que a caracterisara sempre.

E assim aquelle namoro progredia cada vez mais, esperando-se a todo o momento o casamento da... vaidade.

Entrementes, Malone estava se preparando para enfrentar um famoso boxista "peso-médio", porém, já não tinha todo aquelle interesse e dedicação que outróra dedicava ao seu "sport" preferido. Tornára-se nervoso e chegava até a temer a derrota no "match" em que ia se bater. Tudo consequencias do amor, que por mais que elle quizesse evitar, ia tomando conta do seu coração...

Comprehendendo toda a causa daquillo tudo, o seu "manager" tenta convencel-o de que devia deixar de prestar tanta attenção á

Certa noite, Judy se encontrava passeando no campo, guiando sózinha o seu luxuoso carro, altas horas da madrugada, justamente no momento em que o namorado procurava communicar-se com ella pelo telephone. Não conseguindo encontral-a em casa, elle decide ir procural-a e depois de muitas horas, certo de que ella havia de voltar para casa, de um momento para outro, fica esperando a pequena, á porta da sua residencia. Instantes depois, Judy chegava e os dois passam o resto da noite no appartamento da moça. De manhã elle retira-se para cumprir os seus exercicios habituaes de preparo physico e Judy faz questão de acompanhal-o.

Quando elles chegam á presença do "manager" este antes que pudesse censurar o ra-

(Termina no fim do numero).

BETTE DAVIS

As Mulheres mais

Um dia, na minha profissão de chronista de Cinema e elegancia numa revista, recebi de uma pequena uma carta assim:

— "Percebo o quasi insignificante ordenado de 40 "dollars" por mez. 20 *dollars* por quinzena. Desses, 3 já estão inicialmente tomados. Desse salario eu tenho que tirar dinheiro para conducção, "lunchs", diversos, esmolas e outras subscripções semelhantes, dinheiro extra para despezas de emergencia: — solas ou meias solas em sapatos, etc. e tambem importancia para cobrir despezas com minhas roupas. Apesar disso e da luta que tal cousa representa, gosto de parecer bem, de vestir direitinho e sentir que causo boa impressão. Minhas collegas e eu costumamos ter sete vestidos. Trocamos um por dia, portanto e assim nunca apparecemos com o mesmo dois dias. Um grande numero de nós, pequenas que trabalhamos, compra vestidos de fazendas lavaveis para que os possamos tingir em casa, mudando-lhes os aspectos, portanto e elles nunca nos custam mais do que 77 centavos ou no maximo 1 "dollar" e meio. Eu tambem estou nesse grupo, embora não seja de meu agrado.

Sinto-me pobre com esse systhema e isso entristece-me. Sei que não devo sentir isso no meu intimo. Tenho casa, boa comida e minha familia toda feliz. Sei que devia ser reconhecida a tudo isso e sou. Mas haverá uma pequena de dezoito annos, no mundo, que não tenha verdadeira fascinação por bons vestidos?

— Meus contactos sociaes consistem apenas em Cinemas, ás vezes, passeios de automovel, quando possivel, alguns "picnics" e festas com natação, dansar e cousas semelhantes. E nessas festas eu uso nada mais e nada menos do que apenas um MELHOR vestido de trabalho...

— Nós pequenas que trabalhamos e lutamos com difficuldades financeiras, dia a dia, avançamos mais pela simplicidade de nossos vestidos. Não podemos usar, nas nossas festas, os vestidos que usam as "estrellas" de Cinema. E por isso usamos os vestidos mais simples que podemos. E' bem por isso que as invejamos tanto".

Foi por causa dessa carta que decidi encarar mais de perto um problema sem duvida de interesse para as pessoas que lêm revistas de Cinema: — será possivel uma pequena de ordenado curto, adaptar com felicidade, para si, um modelo usado por uma "estrella" de Film? Como é possivel que ella se vista elegantemente com pouco dinheiro?

E aqui estou eu, Annette Simpson, technica em modas, a dar as melhores informações que consiga a esse respeito. Eu tambem fui uma pequena empregada em New York, onde nasci. Fiz-me internacionalmente celebre com os desenhos que sempre tive gosto de imaginar e realizar.

Com dezesete annos comecei a desenhar meus primeiros modelos e elles serviram ás minhas collegas de collegio.

Quando graduei-me pela academia St. Mary, pessoas de sociedade começaram a me consultar sobre o assumpto e a pedir desenhos especiaes.

Hoje trabalho metade do anno na Europa e a outra metade nos Estados Unidos.

Estou sendo assim pessoal e apparentemente convencida por necessidade, para que saibam que tenho certo merito e posso ser attendida. Conheço a elegancia em todas as suas formas. Della tenho escripto muita cousa já e espero com este artigo conseguir aquillo que de mim aguardam. Sou desenhista criadôra de modelos ha dezesete annos. Já tenho sido informadôra technica de varias fabricas productoras de Films e portanto, posso falar dos modelos usados pelas "estrellas", porque antes de mais nada sou "fan" e interesso-me sufficientemente pelo assumpto.

MARLENE...

Annette Simpson é uma mulher magra, morena e sympathica. Tem suas opiniões proprias e é franca. Diz o que quer e sabe o que diz.

Fala sempre das "estrellas". A umas elogia. A outras, condemna. E quando não gosta, diz cousas que não podemos aqui imprimir para não desgostar a ninguem.... Ella acha que Paris continúa dictando a moda, mas que Hollywood é que a difunde. Começa ella falando das "estrellas" que acha as mais elegantes do Cinema.

— Greta Garbo é a mulher mais elegante do mundo todo. Suas roupas apenas podiam ser confeccionadas para uma pessoa que conheça o segredo do mais insignificante detalhe.

Aquillo não é acaso. Greta Garbo é uma inspiração para todas as "couturières" do mundo. Ella é a unica mulher do Cinema que tem o sabôr internacional da elegancia. O vestido que ella usou na sequencia de COMO ME QUERES, onde ha aquella pescaria, por exemplo, é adoravel.

— Depois della, Marlene Dietrich. Seja exquisita como fôr em seus papeis, é sempre "chic". Jamais dá a impressão de elegancia grosseira. Ella é outro typo internacional.

— A mulher americana que melhor se veste é Norma Shearer. Ella dá uma impressão de elegancia phantastica. Suas linhas são muito simples. Ella é o modelo que toda pequena americana deve seguir. Quasi sempre ella faz papeis de mulher sportiva, cheia de saude. Nunca foi uma martyr. Até em "maillot" de banho ella dá boa impressão e é justamente nessa situação que muitas outras fracassam. Em Norma Shearer tudo fica bem, desde calções de montaria até camisas de dormir. Ella é o typo que as pequenas americanas devem seguir de preferencia.

— Joan Crawford corporifica a pequena que sempre almejou vestir-se bem. Ella é extremada em tudo. Seus vestidos os mais simples, extremados são e revelam esse lado do seu caracter que sempre ambicionou o que hoje possue. Se eu fosse desenhar agora algum modelo ousado e espectaculoso, queria Joan para modelo. Não é, no emtanto, um modelo seguro para qualquer pequena imitar, particularmente a pequena modesta á qual estou aqui de preferencia falando. Seus vestidos de Cinema são muito espectaculosos. Ha um vestido seu, em REDIMIDA, que ficaria bem com uma pala só. Usou varias dellas, no emtanto. E' o lado espectaculoso do seu vestir. Não serve para modelo, mas é igualmente elegante.

— Constance Bennett é um excellente modelo para roupas de "soirée" e tecidos finos de dormir. Seus "negligées" são maravilhas facilmente imitaveis. Bette Davis entra neste typo de Constance Bennett, igualmente, mas com muito menor seducção porque Constance tem muito mais desse "material" do que ella. Mas Bette é um excellente modelo para pequenas que trabalham.

— Os vestidos de Lilyan Tashman, elegantissimos, sem duvida, são, no emtanto, ousados e artificiaes demais para uma pequena simples usar.

— Carole Lombard sabe vestir-se bem e veste bonitos vestidos. Póde ser imitada.

— Para moças mais maduras, Gloria Swanson é um soberbo modelo. Ella é a mulher de apparencia mais aristocratica do Cinema. E, nella, apesar de sua pose, ha qualquer cousa impressionantemente real que a torna majestosa.

Como as pequenas podem aprender tudo com Norma Shearer, em materia de vestir, as mais maduras poderão colher os mesmos dados com Gloria Swanson.

— Seja qual fôr o seu typo, encontrará um modelo entre estas sete mulheres: —

Elegantes de Hollywood

— Greta Garbo. Se quizer que suas roupas causem boa impressão tanto aqui como em outro qualquer Paiz. Um typo internacional de elegancia.

— Marlene Dietrich. Igualmente um typo internacional.

— Norma Shearer. A melhor modelo para a pequena americana. De pyjamas a trajes sportivos, procurem seus modelos com Norma Shearer em seus Films.

— Gloria Swanson. Um modelo inspirado para jovens maduras deste Paiz ou de qualquer outro.

— Constance Bennett. Modelo adoravel para roupas de "soirée" ou tambem para a pequena que queira ser a "leader" social da lolidade onde resida ou mesmo do bairro.

— Bette Davis. Para a pequena que queira ser elegante sem o lado ousado que Constance Bennett logo suggere.

— Carole Lombard. Para a loira de olhos azues e mais ou menos da sua altura, um modelo incomparavel.

Os vestidos são imaginados para auxiliar a definição de um caracter, como o caso de Letty Lynton, em REDIMIDA. Fóra do Cinema uma pequena não ha de querrer um vestido que fixe um estado de sua alma, por certo. Os vestidos precisam ser adaptados, portanto. Vista a sua posição social. Vista a sua qualidade social. E vista o SEU typo.

A pequena que trabalhe para um advogado de causas importantes, divorcios, por exemplo, não póde usar um vestido simples, preto. Tem que usar alguma cousa que tenha sua contribuição de sexo, ou seja, de malicia. Se o advogado, ao contrario, fôr de causas puramente commerciaes, o vestido simples, ingenuo mesmo é aconselhado.

Vista a sua posição social. As mulheres americanas vestem para agradar a homens. Se você vae passear com um rapaz que tem um carro bonito, seu vestido tem que ser mais bonito do que o carro. E use boina nesse passeio, de preferencia. As "estrellas" de Cinema sempre vestem suas posições sociaes. Observo-as. Norma Shearer é casada com um productor joven e importante. Seus vestidos jamais são vulgares. Ella sempre tem ar de importancia. Lilyan Tashman é casada com Edmund Lowe. Elle é um dos homens mais elegantes que eu conheço. Ella veste os vestidos exactamente adaptados ao marido que tem. Hoje Gloria Swanson é esposa de Michael Farme. Elle occupa uma magnifica posição social. Se ella usasse os vestidos que usava nos antigos Films de De Mille, por exemplo, seria a cousa mais engraçada do mundo. Mas ella, não, usa sempre os vestidos adaptados aos maridos que tem. Agora, por exemplo, não é mais da nobreza. E' da alta sociedade americana, sempre acompanhando os maridos.

Vista o seu typo. Com isto quero dizer que não é qualquer vestido que lhe fica bem. Sou capaz de desenhar o mesmo modelo em quatro modos differentes, servindo a quatro pequenas distinctamente differentes.

O vestido deve sempre acompanhar o ambiente. Não devem usar um vestido para "golf" quando forem a um passeio de lancha. A múdança ás vezes é pequenina. Mas nota-se.

Vejamos agora a pequena que tem muito pouco capital para gastar com roupas. Supponhamos cinco "dollars" por semana, num exaggero. Os vestidos de verão, além disso, não servem para o inverno.

Comece seu inverno, portanto, com um casaco, escuro que tenha boa porção de pelle e que seja elegante cobrindo qualquer vestido. Custaár, digamos, 50 "dollars". Arranje um vetsido de crepe preto de boa qualidade. As mulheres que têm pouco dinheiro sempre fazem mal a coisa:—compram muitas fazendas, mas todas ellas ordinarias. Comprando dois bons vestidos, mas realmente bons, você se vestirá bem durante metade de um anno. Seu vestido de crepe preto, por exemplo, deve vir de uma loja de qualidade. Deve ser um vestido completo e que sirva para o trabalho e para uso nocturno em momentos de visitas ou recepções simples, com mudança apenas de accessorios. Botões e enfeites removiveis, por exemplo. Mudando o enfeite tem-se um vestido novo de effeito. A mudança de um chapéo ás vezes opera uma mudança geral num aspecto.

E' possivel que achem que estou errada, mas uma pequena mesmo que ganhe pouco, deve comprar sempre vestidos que custem de 25 "dollars" para cima. E' a unica maneira de conseguir um vestido realmente bem feito e bom que sirva para longo tempo e com varios effeitos.

Elle póde ter, além do preto, outro vestido igualmente de nunca menos de 25 "dollars" e que seja de côr. Muitas mulheres pensam que estão bem vestidas quando têm grande variedade para mudar. Pois ficariam muito mais elegantes se tivessem menos da metade do que têm e fossem todos bons e bem feitos.

Se o ordenado da pequena pobre fôr melhor, veja se é possivel conseguir um traje de velludo para a noite. Um vestido de velludo opera milagres, ás vezes... Os vestidos mais simples, no entanto, é que devem ter o maior cuidado na confecção.

Obervem essas pequenas ás quaes estou escrevendo, as "estrellas" de Cinema de accordo com o que aconselhei acima e verão se conseguem bons effeitos ou não. Aprendam elegancia com as mestras. Depois façam a adaptação para uso proprio e de accordo sempre com suas necessidades...

Richard Wallace dirigirá o novo Film de Ronald Colman para Samuel Goldwyn — "The Masquerader". Elissa Landi será a "leading-woman".

✣ ✣ ✣ Lillian Roth foi contractada pela Warner Bros para o Film de Barbara Stanwyck — "Women in Prison". Não é preciso perguntar se ainda se lembram de Lillian...

CONSTANCE BENNETT

JOAN

NORMA SHEARER

O HOMEM de

"Hei de voltar, querida!"

NOITE de ataque aereo a Paris, durante a guerra... os "gothas" despejam bombas sobre a Cidade Luz, que agora estava ás escuras. Um official inglez e uma moça param numa esquina e chamam um "taxi":

— "Entre! Não vê que estamos em perigo?..."

— "Não, não quero o "taxi" agora... necessito é de você. Quer ser nossa testemunha de casamento...? A igreja é alli perto. Venha, eu lhe pago pelo tempo perdido, comnosco..."

oooоOoooo

O taxi, de cortinas cerradas, rodara durante uma hora e meia pelo Bois de Bolongne, levando no seu ninho improvisado numa curta e curiosa "lua de mel"... aquelle casalzinho, unido pelos laços matrimoniaes tão extranhamente, mas perfeitamente natural tendo-se em vista o tempo de guerra... o taxi pára na estação do Nórte. O capitão Tony toma Sylvia nos braços, num demorado beijo de despedida. Minutos depois o comboio parte, levando o official inglez para o "front" emquanto a jovem esposa fica acenando o lenço para o marido que partia talvez para sempre... E varias lagrimas correm dos olhos de Claudette, deslisando pela sua face, indo salgar-lhe os labios como um symbolo do amargor do beijo de despedida...

ooooOoooo

Passaram-se os mezes e a guerra continúa cada vez mais terrivel, sem esperanças de paz. As saudades do esposo querido amarguravam a vida de Sylvia, que para esquecer um pouco aquillo e tambem talvez encontrar-se com o marido, faz-se enfermeira, num dos hospitaes proximo ás linhas avançadas.

Alli continúa o tormento das saudades e agora tambem as apprehensões, porque ninguem sabe noticias de Tony. A ironia do destino fazia com que ella desejasse vêr o marido chegar ao hospital ferido... Só assim o poderia vêr. Mas o Capitão não vêm e ella luta com a duvida de que o marido talvez já não exista...

Isso durou até o dia em que ella recebeu a dolorosa noticia, pela bocca de um dos soldados da ultima "remessa" de feridos.

— "Toda a Companhia do Capitão Tony, morreu. Elle tambem succumbiu, mortalmente ferido por um estilhaço de granada..."

ooooOoooo

Na verdade, o Capitão Tony fôra ferido, mas não morrera. Com os pulmões enfraquecidos pelos gazes asphyxiantes, cahira prisioneiro dos Allemães.

Na enfermaria inimiga em que estava recolhido, elle consegue a amizade de um outro prisioneiro, o americano Steve.

Mezes depois, após muitas tentativas, os dois conseguem fugir do campo de concentração, transpondo a fronteira Suissa.

ooooOoooo

No hospital onde trabalha Sylvia capta a amizade do Dr. Rene Gaudin, eminente cirurgião do exercito francez. Ainda inconsolavel com a morte do marido, a moça sente approximar-se o momento em que vae ser mãe, e vale-se do offerecimento desinteressado que lhe offerece o medico. Na maternidade vem ao mundo um lindo garotinho que Sylvia, homenageando o nome do seu inesquecivel esposo e ao mesmo tempo ao seu bemfeitor, baptiza com o nome de Tony Rene Clyde.

O Dr. Gaudin, interessa-se muito pela sorte de Sylvia e acompanha mesmo a sua triste commoção na perda de Tony. Sylvia, entretanto, alimenta uma duvida quanto á morte do marido.

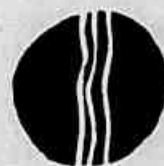
Essa duvida é como se lhe fosse uma esperança e este é o motivo por que ella não acceita o amor que o medico lhe offerece e a felicidade que elle não se cansa de propor-lhe, casando-se com ella.

ooooOoooo

Assim passam-se dois annos e porque Sylvia estivesse sempre nervosa e necessitasse de um repouso ás suas labutas como enfermeira resolve o Dr. Gaudin leval-a para a Suissa, afim de que ella possa descançar algumas semanas, num sanatorio, nos Alpes.

Ahi é que surge a confirmação da esperança que a moça sempre tivéra de ainda encontrar o marido, como se alguma cousa inexplicavel a convencesse de que o Capitão Tony, não cahira nas trincheiras...

O Dr. Waite, medico do sanatorio, em palestra com Guadin e Sylvia, um dia, conta-lhes varios casos hospitalares, de victimas de gazes asphixiantes, e aponta-lhes dois antigos soldados, que passeavam no pateo do sanatorio.

— "Um daquelles homens, vive quasi que por um milagre.. Quando chegou aqui, dei-lhe no maximo duas semanas de vida... mas não morreu até hoje, dois annos passados!"

— "Curioso" — diz Sylvia — e se salvou-se, o que continúa a fazer aqui...?

Entre a esperança de rever o marido e o amor de Gaudin...

— "Trata-se ainda dos pulmões, mas os companheiros affirmam que elle anda á procura de uma mulher...

Mas quem será essa mulher, que não lhe

sahe da lembrança, apesar do mal, que o tem quasi morto...?"

— "Talvez um sonho, loucura..." diz o Dr. Gaudin...

Tony Clyde não tinha duvidas. Aquella mulher que elle elle vira no terraço do hospital, com aquelles dois homens, era Sylvia! Não podia ser outra!...

Sylvia, a sua Sylvia adorada!! Mas, por outro lado, que tristeza, que desgosto immenso! Elle, naquelle estado, inutil, farrapo humano, não podia se lhe apresentar. Sentia uma felicidade indescriptivel ver de novo a mulher dos seus sonhos, mas uma infelicidade tremenda na sua condição actual!...

Não, elle precisava evitar que ella o encontrasse ali! E resolve, com o companheiro americano, sahir do sanatorio antes que Sylvia o reconhecesse.

ooooOoooo

A moça entretanto tambem o reconhecera e entre a tristeza immensa de encontral-o naquelle estado, sente ao mesmo tempo o desejo louco de falar-lhe, beijal-o, matar todas aquellas saudades cruciantes de tantos annos!! O amor é indifferente a tudo e nunca perde o seu encanto!

Ella pede a Gaudin para leval-o á presença de Tony. Generoso como era o medico e reconhecendo o quanto a moça sentia-se feliz mesmo ante a desdita do marido, elle não tem coragem de contrarial-a e leva-a para junto do official inglez.

Beijos! Abraços! Lagrimas! Commoção infinita e uma alegria que inspira em Tony mais do que nunca, um desejo forte de viver, quando sabe que é pae e tem um filho em Paris!!!

ooooOoooo

Elles regressam á cidade onde, tão apressadamente tinham-se recebido deante do altar.

Tony conhece o filho. Mas o nome do medico no nome da creança, faz-lhe desconfiar que a esposa tenha alguma relação amorosa com Gaudin.

E Tony sente outra vez desejo de desapparecer do mundo.

— "Confessa que o amas!..."

Sylvia nega, nega sempre! Ella jámais esquecera o marido! O Dr. Gaudin era apenas um bemfeitor. Tony não comprehendia isto?!

— "Confessa..."

— "Sim, já que insistes tanto: eu o amo!"

Mas arrepende-se e lhe pede perdão, jurando-lhe que mentiu. Ella só ama ao marido!

Tony, tresloucado, ferido, a abandona ali e sahe para a rua á procura de bebida, tal como o outro Clive Brook de "24 horas", quando deixava Kay Francis...

HONTEM

ooooOoooo

Alta madrugada, depois de ter ingerido varios copos, num cabaret barato, elle tomba inanimado de um ataque de coração...

FILMS CENSURADOS PELA COMM. DE CENSURA, DE 7 A 19 11/932

Serviço secreto — Drama — Universal Film (Ufa), Berlin, Allemanha — Certif. n.° 530 — Approvado.

Meu amigo, o Rei — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Certif. n.° 531 — Approvado.

Serviço secreto — Trailer — Universal Film (Ufa), Berlin, Allemanha — Certif. n.° 532 — Approvado.

Jornal Fox Movietone n.° 4x45 — Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n.° 533 — Approvado.

Sumam-se — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 534 — Approvado.

Tenho medo das mulheres — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 535 — Approvado.

Difamada — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 536 — Improprio para menores — Approvado.

A viagem maravilhosa — Lafayette Cunha — Rio de Janeiro — Certif. n.° 537 — Approvado.

Os mandamentos esquecidos — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 538 — Improprio para menores e senhorinhas — Approvado.

A vóz do mundo n.° 26-33 — Jornal — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 539 — Approvado.

A vóz do mundo n.° 27-33 — Jornal — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 540 — Approvado.

Metrotone News n.° 157 — Jornal — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 541 — Approvado.

Seu primeiro ovo — Desenho animado — Educactonal Pictures U. S. A. — Certif. n.° 542 — Approvado.

Esposas do trabalho — Trailer — Warner Bros U. S. A. — Certif. n.° 543 — Approvado.

ooooOoooo

THE THIRTEENTH GUEST — (First Divison — Monogram) — E' melhor levar um copo com agua para os momentos de nervoso pelos quaes vae passar assistindo este Film... Emoção realmente grande com uma historia de um crime mysterioso. Bons dialogos. Comedia em quantidade e bastante pavôr. Frances Rich, filha de Irene, tem um esplendido papel como heroina. Ginger Rogers, Lyle Talbot, figuram. J. Farrell Mac Donald quasi que rouba o Film. Director, Albert Ray.

RECÉBEMOS do amador Snr. Myself II.º a seguinte carta, a qual vamos entregar, em seguida, á publicidade, porque assim julgámos necessario para o progresso do amodorismo na nossa terra.

Disso só poderá advir, mais tarde vantagens para o Cinema Brasileiro, visto que é dessa massa que se fazem os verdadeiros directores, os grandes scenaristas, e os mais geniaes photographos.

O autor, na sua opistola, talvez se mostre em demasiada modestia; isto, porém não é deffeito para um scenarista; pelo contrario, é até uma qualidade que só devemos appreciar. E é por isso que vamos dar á publicidade os dois trabalhos do nosso caro amigo e collega: a carta em que elle vos explica como lhe adveio a attracção pelo amadorismo, e, em especial, pelo scenarista; e depois, o scenario construido sobre a historia de nominada "Romance de Studio", historia essa que foi publicada em 30 de Setembro do anno findo, no numero 292 de "Cinearte."

Após entregarmos a carta do nosso correspondente, aos leitores do "Cinearte", faremos publicas as condições essenciaes, para a construcção de um bom scenario, que nos pede o Snr. Myself II.º E depois a publicação do scenario da sua lavra, que elle nos remette, construido sobre a historia referida, entregue á publicidade no numero acima apontado, de "Cinearte."

Solicitamos apenas aos nossos gentis leitores que intregalmente applaudam as idéas do nosso amigo. Não são esses os Fins de "Cinema de Amadores"? Tudo quanto os Amadores da nossa terra enviarem para esta secção será dado a publico o mais rapidamente possivel. Procuraremos fazer tudo pelo progresso do nosso Cinema. E é mostrando ser um verdadeiro Amador, que o Estudante de Cinematographia, apresentando os trabalhos decorrentes do seu estudo, irá fazer de si um verdadeiro profissional.

Leiam, a seguir a carta do Amador Snr. Myself II.º

"Rio de Janeiro 10 de Novembro de 1932.

Prezado Snr.

Depois de pensar um pouco, resolvi vêr no distincto redactor de Cinearte a unica pessoa capaz de dissipar os erros de que, porventura, se ache imbuido este seu "fan" e seu admirador.

Apreciando extremamente o Cinema, sou attrahido, em especial, por tres ramos do mesmo, a saber: a direcção, a photographia e o scenarismo. Sobre o primeiro não ha a mais remota possibilidade a respeito; sobre o segundo, necessitaria de uma camara Cinematographica, para começar, ao menos. Restava pois o terceiro ramo, o qual, relativamente accessivel, me impelliu portanto a servir como scenarista.

Arranjei uma historia, publicada aliás numa edicção de "Cinearte" que trazia dois scenarios seus e metti mãos á obra. Fiz, de um só jacto, um outro scenario, mas deixei-o ficar dormindo, no fundo de uma gaveta. Agora me veiu a curiosidade de obter uma opinião competente sobre o mesmo. Passei o scenario á machina, pois do contrario os deffetos encontrados seriam tantos, que eu não me animaria a envial-o.

Eis-me pois aqui a solicitar o "veredictum" do amigo Myself sobre a minha tentativa.

Como verá, são nullos os meus conhecimentos sobre Cinema. Entretanto, não fosse a barreira monetaria, uma vez que o idioma está deixando de se constituir um impecilho, e todos nós teriamos os machinismos e accessorios necessarios á producão do Film de Amadores.

Vamos porém ao caso. Envio-lhe o meu scenario; valerá a pena chamal-o assim? Devo dizer-lhe que, lendo a historia, procuro fazer uma boa visualização imaginando o maior numero de scenas possivel, tal como ellas deveriam ser. Mas traduzir isto para o papel é que não é brinquedo!

Não importa! Espero a sua opinião e ficarei satisfeito, ainda que a resposta me desilluda completamente das minhas pretenções. Caso contrario, porém, bastará e agradecerei que me satisfaça as seguintes perguntas:

Wallace Beery é um grande animador do Cinema de Amadores. Aqui o vemos numa noite de exhibição em sua casa.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

1.º) Quaes as qualidades essenciaes num scenario, ou para a elaboração de um bom scenario?

2.º) A presente tentativa de scenarisação de uma historia possúe algo de aproveitavel que indique que eu possa vir a ser um scenarista soffrivel, com o desenvolvimento de uma pratica e uma technica adequadas?

3.º) Onde e como poderei estudar essa technica e adquirir essa pratica?

Além disso, caso deseja ter esse incommodo, ser-me-ia immensamente grato receber esse trabalho com as correcções necessarias á minha orientação em posteriores experiencias. E creio que me será permittido volver mais vezes á sua presença, pois que um contacto mais directo com "Cinema de Amadores" sómente poderá incentivar o Amadorismo e consequentemente o Profissionalismo, em nossa Patria."

Agora, as respostas devidas aos "items", e que o Snr. Myself II.º nos solicita, no final da sua interessante epistola.

Quanto ás qualidades essenciaes para a elaboração de um scenario, si essas qualidades a que se refere o nosso correspondente são aquellas que devem ser encontradas no scenario mesmo, no trabalho redigido, ou em outras palavras, no papel escripto, poderiamos resumil-as em tres apenas.

Em primeiro logar, uma "visualisação" perfeita de cada uma das scenas, isto é, a descripção detalhada e perfeita de como occorreu a acção de cada scena do scenario, para que o director do Film, posteriormente, possa responder com sentimento a scena que elle se dispõe a Filmar, em todos os seus detalhes, tanto aquelles que se referem á acção do Film, quanto os que se ligam á photographia do mesmo, detalhes que aliás só elle proprio poderá corrigir e melhorar, si realmente elle fôr **um bom director.** D'ahi resultará a perfeição do Film, decorrente, em primeiro logar, das geniaes qualidades de um bom director, e em segundo logar, da perfeita "visualisação Cinematographica."

Em segundo logar, a "fórma" de redigir o scenario, isto é, o modo de dispôr todos os "items" e todos os paragraphos, tanto aquelles que se refiram á visualisação, quanto aquelles que se refiram á photographia ou Filmagem, dentro dos moldes estrictos da technica do scenarismo.

Em terceiro logar, a perfeita redacção do portuguez empregado na elaboração do scenario, visto que, como é logico, ninguem tomará a serio um scenario escripto em máu portuguez. Não acham assim todos os nossos amigos, os Amadores do Brasil?

Si essas qualidades essenciaes, a que se refere o nosso correspondente, são inherentes ao proprio scenarista, reduzir-se-hão a duas apenas: o perfeito conhecimento da nossa grammatica e o perfeito conhecimento da technica do scenarismo, porque essas duas qualidades poderão ser **adquiridas e estudadas** pelo scenarista, ao passo que a imaginação não poderá ser concedida a ninguem, e não existir tratado de especie alguma que **ensine** o individuo a adquirir a imaginação, tal como elle póde adquirir o conhecimento da grammatica ou do scenarismo.

Quanto ao segundo "item", o scenario que nos foi remettido possúe realmente bastante de aproveitavel, e poderá ser Filmado por qualquer Amador; por que não?

Vamos publical-o integralmente, na proxima secção de "Cinema de Amadores", após as correções imprescindiveis. Aliás, não seria esse o unico scenario que gostariamos de receber, remettido pelos nossos amigos e collegas, os Amadores; e todos os scenarios que nos fossem remettidos seriam immediatamente analysados e dados á publicidade.

Repetindo, pois, o que dissemos acima: O que o Cinema Brasileiro necessita é justamente de bons photographos, de bons directores, e de bons scenaristas. A opinião, dada sobre o assumpto, pelo Amador Myself II.º, é a mais sensata possivel. Appareçam "cameramen", directores e scenaristas para o Cinema de Amadores, e esses mesmos transformar-se-hão, mais tarde, naquillo que tanta falta faz ao Cinema Brasileiro: antes de mais nada, directores e scenaristas.

Sobre a pergunta que nos faz o Amador Myself II.º no terceiro "item" da sua carta, respondendo, diremos que o unico meio de que poderá dispôr para o estudo daquella pratica será, infallivelmente a leitura de livros e revistas especialisadas sobre o assumpto.

Divorcio em familia

(DIVORCE IN THE FAMILY)—*Film da M.G.M.*

JACKIE COOPER . . . . Terry Parker
Lewis Stone . . . . John Parker
Maurice Murphy . . . . Al Parker
Lois Wilson . . . . Senhora Shumaker
Conrad Nagel . . . . Dr. Shumaker.

Director: — CHARLES F. RIESNER

Archeologista, John Parker é um escravo da sciencia e de suas attribuições estudiosas. Tem esposa e dois filhos: — Terry e Al. Mas não póde dar attenção ao lar, aos filhos e a nada.

E' affectuoso, sincero, dedicado. Mas quando chega ao momento de trabalhar esquece tudo e a familia vive quasi que sempre nesse abandono de carinho.

E surge o divorcio em familia. Ella não mais resiste a esse pouco caso do marido e acceita as offertas amorosas do dr. Shumaker, um medico digno e acatado que a ama ha muito e a quer para esposa. Divorcia-se ella de John e casa-se com o medico. Durante o divorcio e o casamento, Terry e Al estão em companhia do pae, no deserto, onde divertem-se. Mas têm que voltar. A mãe os chama e elles tem que ir agora para a sua comanhia, pois os filhos são dados a ella para tutelagem. Embora John soffra muito com o golpe inesperado e concorde, porque reconheça ser um mau esposo, Terry e Al é que mais extranham a nova vida. Particularmente Terry, que de forma alguma acceita o novo pae. Acha aquillo exquisito, "outro homem" beijando-lhe a mãezinha, "outro homem", um extranho, interferindo em tudo na vida daquelle lar.

Mas acostuma-se Al, que é maior e mais sensato e o padrasto envia-o para a escola militar, o que mais ainda enfurece Terry, que dessa forma vê-se só em companhia de sua mãe e do "estranho". E a lembrança do pae não o deixa um só instante.

Tempos passam e a situação é a mesma. Por delicado que seja, por mais digno, Shumaker não consegue o affecto do garoto. Elle é esquivo e desconfiado. Não quer saber do "novo pae", para nada. E mesmo sua mãezinha não o demove desse fito. Al, por sua vez, tambem o abandona, porque apaixona-se por Lucille, uma collega de Universidade. Sentindo-se assim só, Terry toma a resolução de fugir para ir ao encontro do pae.

Al, quando sabe da noticia, atira-se á procura do irmão que tanto ama e todos se alarmam. O pae é que recebe surpreso a visita de Terry. E' um allivio para elle ter o filhinho ao lado, mas, ao mesmo tempo, presente qualquer cousa na afflicção em que elle deve ter deixado a todos com sua fuga.

Realmente assim fôra. Al, num barco, ao atravessar o rio, pois elle sabia onde encontrar Terry, soffre um accidente e fere-se gravemente, perdendo muito sangue. E quando John e Terry chegam, enfrentam justamente um momento angustioso. Para salvar a vida a Al o dr. Shumaker, que o seguira offerece seu proprio sangue e esse sacrificio assim espontaneo quebra no pae o desejo de se vingar daquelle homem e no filho menor todo aquelle resentimento, pois embora não saiba o que elle realmente está fazendo em prol de Al, comprehende, nitidamente, que a elle ficará o irmão devendo a vida.

Passam-se tempos. Tanto Al quanto Terry agora comprehendem o novo pae. Não é mais um extranho para elles e se bem que o pae ainda seja tudo para a vida delles, admittem já a permanencia daquelle homem ao lado delles e sua protecção sobre o lar de sua mãe.

O pae é que tenciona raptal-os para leval-os comsigo para a America do Sul onde pretende ficar residindo. Mas quando se approxima da casa onde residem, para buscal-os, avisados que já estão, sente-os felizes, rodeados de um conforto que elle não poderá dar com o genio que tem e principalmente amparados com a presença de um homem digno que por elles vela como se fosse um pae. Tudo isso toca profundamente o coração daquelle bohemio. E John parte sózinho, deixando aos filhos o socego daquelle lar, cousa muito mais doce e mais suave, para os mesmos, do que as incertezas de uma vida accidentada como a que elle podia offerecer.

"Argentina Sono-Film" é uma nova companhia Cinematographica que acaba de ser fundada na Argentina. O programma inicial planeja dez Films de assumpto nacional, dos quaes o primeiro intitula-se "Tango" e ficará prompto já este mez. Libertad Lamarque, Tita Merello, Mercedes Simone, Azucena Maizani, Alicia Vignoli, Adelma Falcon, Pepe Arias, Alberto Gómez, J. Sarcione, estão no elenco. Como se vê elementos genuinos da musica-canção dos Pampas e ainda entrarão as principaes orchestras typicas de Buenos Aires.

"Milonga", será a segunda producção com Tita Merello no principal papel.

O director destes dois primeiros Films é L. Moglia Barth.

+ + +

A Warner Bros não fará mais a importação de copias de Films do systema vitaphone. Esta resolução começará em Janeiro de 1933.

+ + +

Charles Farrell e Marian Nixon estarão juntos outra vez em "The Face in the Sky", da Fox, dirigido por Harry Lachman.

+ + +

Brigitte Helm, está muito doente em Berlim. E vae fazer uma operação delicadissima.

Madame e seu

(Downstairs) — Film da M. G. M.

JOHN GILBERT	Karl
Paul Lukas	Albert
Virginia Bruce	Anna
Hedda Hopper	Condessa
Reginald Owen	Barão
Olga Baclanova	Baronesa
Bodil Rosing	Sophie
Otto Hoffman	Otto
Lucien Littlefield	Françoise
Marion Lessing	Antoinette
Karen Morley	Uma mulher

Director: — MONTA BELL.

O carro subia pela estrada que ia dar ao castello. Um rapaz distinctamente vestido, attitudes aristocraticas, conversava ao passo que subia o carro.

— Mas então o Imperador Francisco José sentou-se aqui mesmo onde estou sentado?

— Sim, Excellencia. E nem imagina o quanto elle apreciava este meu carro de grandes tradicções.

— Pois se soubesse disso teria trazido commigo a Rothschild, meu amigo. Elle gosta muito de antiquarias.

— Rothschild?... Mas pelo amor de Deus não me diga que é o mundialmente celebre millionario..

— Pois é elle, em carne e osso. Admiramo-nos mutuamente.

E continuou assim aquella conversa, onde o cocheiro não sabia se admirar mais a distincção do porte ou se as palavras expressivas e intelligentes de seu cliente.

E chegaram ao castello. Ao abrir-se o portão central, o guarda da entrada dirigiu-se ao carro ao vel-o passar os hombraes.

— Dirija-se á cozinha e lá aguarde ordens.

Falava com o rapaz que viajava. O cocheiro voltou-se surpreso e olhou a ambos. Não notou o riso de mofa que havia no canto dos labios do rapaz. Dirigiu-se imperativamente ao guarda.

— Mas o senhor está enganado! Este senhor...

— E' o novo "chauffeur", não é?

O rapaz saltou. Curvou-se servil diante do guarda e, rindo, atirou ao pasmo cocheiro uma prata em pagamento do serviço. Ao passo que voltava a carruagem com seu conductor ainda boquiaberto, o rapaz dirigiu-se para a cozinha, como lhe fôra dito, e fez descer tambem sua bagagem.

ooooOoooo

Porta fechada e ninguem attendendo ao apello, Karl Schneider, era o nome do rapaz, abriu elle mesmo a porta e no interior do aposento deserto deixou suas malas. Em seguida desceu ao pateo. Lá em baixo celebrava-se uma festa matrimonial. Um sacerdote officiava. De uma banda viam-se os camponezes e servos da casa e, do outro, os nobres senhores. Entre estes, os Barões Von Bergen, elle um senhor quarentão, distincto e elegante e ella, uns dez annos mais moça, maliciosa, perigosa, fascinante.

— Declaro-os marido e mulher!

Terminou o sacerdote. Albert virou-se e beijou sua esposa. Elle era um homem distincto e sympathico. Sua apparencia toda denunciava a presença, nelle, de um antigo militar. Para seu officio era distincto demais e em seu rosto deixava claramente transparecer o modo digno e distincto de encarar a vida. Anna, sua esposa, muito mais moça do que elle, era uma camponeza singela e meiga. Em seu véo de flôres de larangeira, em sua attitude, denunciava, amorosa a maneira de encarar a vida que tinha e a innocencia purissima de sua alma. O padre terminou felicitando os noivos.

— Albert, parabens. Tambem para você, Anna. E não se esqueçam dos patrões. Não são todos que dão e permittem a seus servos uma festa como esta.

— Tolice isso, Albert. Então, Reverendo, não sabe que Albert é quasi da familia? Seu pae já foi meu servo. Elle o é. Quero-o como a um filho. E a Baronesa, saberia ella por acaso viver sem a companhia e a ajuda de Anna?

Interrompeu o Barão, felicitando igualmente ao seu casal de criados. Os olhos de Albert estavam cheios do pranto da felicidade. Mal teve elle forças para falar qualquer cousa. A unica resposta que deu além de um obrigado mal pronnunciado, foi um aperto de mão onde disse tudo. E a commoção, tambem penetrava o espirito singelo de Anna.

ooooOoooo

Emquanto distribuiam-se os presentes e dava-se inicio á festa, com bebidas e lauta mesa, Karl que não perdia seu tempo comendo e bebendo o mais possivel, já tinha sido duas vezes tomado por nobre e dado prosa a duas aristocratas que com elle foram commentar o casamento, achando-o realmente distincto e educado. E o facto é que Karl seduzia-as. Não lhe escapava o menor golpe. E quando preparava-se para apanhar mais um "sandwich", roçou sua mão pela mão macia de uma mulher que a seu lado chegára sem que elle se apercebesse.

— Karl!

— Senhora Condessa!

— Conheciam-se.

— O que faz você aqui?

— Sou o novo chauffeur, Excellencia.

— Mas não póde ser, Karl. Este pessoal é amigo meu. Você deve deixar esta boa gente em paz...

— Mas senhora, tenho excellentes recommendações, inclusive uma sua, a qual, se ainda se lembra, deu-me a honra de escrever commigo dictando...

— Mas o facto é que ou você sabe, já ou eu...

— Não é preciso que diga nada. Excellencia. Eu mesmo direi.

Tinha-se apercebido da chegada da Baronesa e, voltando-se para ella, depois de um cumprimento distincto e cerimonioso, invulgar num chauffeur, apresentou-se.

— Karl Schneider. "Chauffeur." A's suas ordens, Madame.

— E' verdade, eu pedi um á Agencia...

— Mas antes de me empregar, Madame, permitta que lhe diga que a senhora Condessa de Marnac, aqui a meu lado, quer lhe dizer que...

Chauffeur

— ...elle foi meu "chauffeur" durante o ultimo inverno. E' um esplendido "chauffeur."

— E' muita bondade de Madame, senhora Baroneza.

— Pois hoje, com esta trabalhada toda, não é possivel siquer reflectir. Vá para o compartimento dos empregados. Albert, lá, dar-lhe-á mais tarde as instrucções todas.

Apanhou Eloise o braço do sua amiga Condesa e sahiu da presença de Karl que, num sorriso velhaco ficou olhando-as numa comparação muda onde havia muito de sarcasmo e quasi nada de boas intenções...

ooooOoooo

Naquelle momento, os criados, amigos de Karl, estavam na cerimonia de beijar a noiva. Formou-se a fila e um por um todos davam castos beijos na testa e no rosto de Anna. Num instante, sem que ella tivesse tempo para dizer cousa alguma, achou-se diante de Karl, que viéra na fila. Elle a apanhou entre os braços e, rapido, largou em seus labios um curto mas profundo beijo. Deixou-a. Ella, em seu rosto, estampou o espanto de ver um extranho beijal-a assim. Mas elle, sorrindo, disse-lhe mais velhaco do que nunca:

— Não se espante, Anna, sou o novo **chauffeur**...

ooooOoooo

Naquella mesma noite, quando Anna entregava-se ao ritual de toda noiva daquella região, rezando ao oratorio e entregando a Deus seu destino em orações sentidas, a figura de Karl desenhou-se pela janella ao alcance de seus olhos. Transfigurou-se. Para ouvir seus passos não tivéra ouvidos, mas para presentir seu olhar de fogo penetrando pela janella a dentro, devorando-a, não lhe faltára tacto. Aquelle homem fazia-lhe mal. Era exquisito, differente. Olhou-o. Encontraram-se os olhares. Elle se aproximou.

— Fui indiscreto, bem sei e talvez indigno. Mas não imagina o quanto invocou meu passado a scena que vi ha momentos.

— Não o entendo, senhor.

— Lembrei-me de minha mãe. Ella sempre me falava do seu dia de nupcias e, como contava, fôra igualzinho ao seu de hoje. Mesmos costumes, mesmas maneiras e ella era uma creatura digna e linda como você, Anna...

— Sua mãe... Lastimo-o. Mas ella ainda vive?

— Não. Perdia-a ainda creança. O unico dinheiro que ella me deixou foi aquelle que me valeu para lhe comprar o caixão...

— Não imagina o quanto eu tenho pena de si. Mas posso lhe garantir que se ha de sentir bem aqui em nossa companhia. Albert e eu, ao menos, tudo faremos para que esqueça esse seu triste passado...

— Tem razão. Agradeço. E eu a deturpar sua felicidade com lamurias inuteis...

Quando Anna déra accordo de si, Karl estava dentro do aposento, saltando pela janella. O radio, ali, tocava uma melodia suave. Karl deu volta ao condensador. Synthonizou. Uma musica bulhenta de "jazz" fez-se ouvir.

— Um beijo e lhe direi boa noite, querida...

Anna voltou-se rapidamente para elle. Karl sorriu diante de sua expressão.

— E' o nome da musica Anna...

Ella suspirou aliviada. Ouviram-se passos. Devia ser Albert. Num relance, afflicta, Anna apontou a Karl a janella aberta. E mal saltára elle quando Albert penetrou no aposento.

— Senhor Albert...

Ella quiz falar qualquer cousa para disfarçar ainda mais a conturbação de seu espirito. Albert olhou-a severamente.

— E quantas vezes eu já lhe disse que não mais me chame de senhor?...

Anna rompeu um pranto sentido. Albert, surpreso, julgou que fosse pela sua severidade. Mas era a figura de Karl á projectar-se, sombria, sobre mais um céo azul de felicidade...

ooooOoooo

Um dia, conduzindo já o carro com a Baroneza, Karl sentia-a mais perto de si do que o costume. Ao mesmo tempo, desprendendo-se uma ponta da pelle que ella trazia em torno do pescoço, fazia ella inuteis esforços para alcançar a outra ponta. Elle soltou uma das mãos da direcção e ajudou-a a soltar uma ponta e a prender a outra. Terminando, ia tirar a mão quando sentiu-se perso por um annel seu ao vestido della. Não teve remedio sinão pedir-lhe que guiasse alguns segundos emquanto elle, fazendo uso das duas mãos, desfazia aquelle embaraço. E assim teve-a nos braços alguns segundos.

Quando terminou, olharam-se. A Baroneza disse-lhe, emocionada.

— Posso confiar em você, Karl?

— O sufficiente para saber que esqueço o que deva esquecer e lembro o que deva lembrar...

— Sei que foi dois annos **chauffeur** da Condessa... Isto já me basta. Então posso confiar?

— Karl é seu escravo, senhora...

— Leve-me então para rua Louisa, 18. Rapido.

Karl pisou o accelerador com enthusiasmo. Sabia que aquillo era fatal, mas pensára sinceramente que demorasse mais...

Quando chegou ao local indicado, no emtanto, viu que a Baroneza deixava rapidamente o carro, mesmo sem seu auxilio e entrava pela porta discrectamente entre-aberta á sua aproximação. E elle apenas teve tempo de saltar e correr para levar a porta na cara...

Minutos depois chegava um homem distincto, elegante, que penetrou com a chave que a Baroneza atirára ao **chauffeur**, lá de cima, no mesmo endereço... Karl vio-o entrar. Fez-se sombrio seu rosto. Não fôra tão facil quanto pensára e aquillo fel-o ruminar logo um plano de acção mais seguro...

ooooOoooo

Quando o homem bem trajado, distincto, elegante sahiu, chovia a cantaros. Karl, capote molhado, passeava indifferente e já tudo calculado em seu cerebro. Segundos depois sahia a Baroneza. Assim que chegou, Karl deteve-a. Ella sentiu que qualquer cousa ousada elle ia fazer. Mas enganara-se. Era o capote que elle lhe offerecia.

— Mas você se resfriará, Karl.

— Não, Madame. Não se preoccupe commigo..

E realmente, quando ella passou sobre os hombros aquelle casaco, sentiu o calor fremente daquelle corpo e estremeceu. Entrou no carro. Tomou assento ao lado delle. Mas Karl ainda não tinha terminado sua representação. Tirou-lhe os sapatos humidos, esquentou ligeiramente com as mãos aquelles pés aristocraticos tambem e depois conduziu-a para casa.

Para Albert, quando abriu a porta e deixou Karl passar tendo a Baroneza nos braços, aquillo era uma cousa incrivel que elle nunca esperára ver. E a Baroneza fugiu do seu olhar perfurante e indagador. Para Karl aquillo era a cousa mais natural do mundo. Mas para Albert aquillo era indescriptivel...

A Baroneza disfarçou o mais que conseguiu e encommendou a Albert que lhe mandasse Anna. Karl, voltando ao carro, ao lado desse encontrou, fulgindo ao chão aos raios da luz de uma lampada, uma pequenina joia de pouco valor. Reconheceu-a. Guardou-a. Havia em seu pensamento qualquer cousa já pensada e calculada, novamente...

ooooOoooo

E o facto é que elle aguiu rapidamente. Offereceu a Anna a joia como presente de nupcias. Ella não o quiz acceitar. Mas a aproximação de Albert fel-a acceitar para não discutir. Pol-a prendendo seu vestido e subiu para attender á Baroneza, como Albert mandára que fizesse.

Lá em cima, a Baroneza despia-se. Os sapatos molhados offereceu-os a Anna. As manchas de chuva provavelmente não sahiria de todo e, dessa fórma, Anna podia usal-o, porque calçava o mesmo numero.

E conversaram alguma cousa a mais, quando, num relance, a Baroneza viu a joia engastada no vestido de Anna.

— Onde arranjaste isto?

— E' minha. Eu... isto é...

— Sua?... Anna! Essa joia é minha.

— Mas senhora! Não é possivel que seja sua!

— Não é possivel!... Ora essa! Pois eu não conheço porventura minhas joias? E você, Anna, uma pequena em quem eu confiava cégamente!... Uma ladra...

— Senhora! Eu...

— Perdão!

Interferiu entre ambas as vozes femininas a voz mascula e ardente de Karl.

— Não deixei de ouvir, passando por aqui e como é assumpto que se prende a questão de caracter, ousei interromper, Madame. Perdão, repito.

— Mas não deixou de ouvir o que?

— Chamar Madame a Anna de ladra...

— E como devia chamal-a? De Duqueza, talvez? Veja minha caixa de joias. Quero saber quaes mais estão faltando.

— Nada está faltando, Madame. O broche que Anna está usando não é seu. Quem lh'o deu fui eu como presente de nupcias.

— Você lh'o deu?...

— Sim, Mademe. Apanhei-o lá no chão da rua Louisa... quando a senhora entrou para o carro ao sahir...

— Rua Louisa?...

— Madame não sabe onde é? Não admira, a rua é de tão má fama... Mas posso até o numero lhe dar se quizer...

— Não me interessa.

— Como Madame queira. Mas o que lhe garanto é que este broche não é seu.

Ao olhar Karl, olhos nos olhos, comprehendeu a Baroneza a sua derrota. Deu dois passos para Anna. Pegou-a pelo braço e lhe disse, depois de uma pausa.

— Enganei-me. Não é realmente meu. Sinto o que disse de você, Anna...

— Ora, Madame, por favor...

— Está bem. E' só.

(Termina no fim do numero).

O NOVO NERO

(FIM)

E elle riu ao terminar desta fórma sua explicação sobre o papel que acaba de viver.

Tem uma risada immensa, sonora, estupenda. Mas guarda-a avaramente para seus momentos de bom humor. Seu temperamento é incerto. Sua paciencia é curta e cança-se logo. E quando dá seus "estrillos" todo mundo procura outras paragens...

Elle admira os productores de Films americanos.

—Estes homens causam-me admiração. Nada é grande ou complicado demais para elles. Resolvem qualquer assumpto. Os Films que os americanos fazem são indiscutivelmente os melhores do mundo, esta é a verdade. Os homens que os fazem são aptimos commerciantes, sinceros e honestos com seu negocio. E têm imaginação e talento, além de tudo, cousa rara em negociantes...

Alugado por algum tempo aos Films, como está, Laughton admira tambem a California. Adora a casa que tem proxima de Londres, mas homem da natureza que é, não póde deixar tambem de admirar o sol e o clima excepcional da California. E' casado com Elsa Lanchester, que figurou a seu lado em "Payment Deferred", em Londres, pois tambem é artista.

Elle é modesto. Seus olhos são azues. Detesta, em parte, o physico que tem, pois adoraria interpretar o "Hamlet". (Já vemos que Barrymore não é o unico...).

Mão aberta que é, não sabendo, mesmo, o que significa a palavra "economia", acha que terá que representar até tombar exhausto, porque não sabe fazer outra cousa e não sabe economisar para um dia ter o seu descanço. Elle é genial em muita cousa que executa. Tem alma de artista e em breve o mundo todo o admirará.

Eddie Cantor em "The Kid from Spain", com Lyda Roberti e outras pequenas...

Pergunte-me outra...

FERRABRAZ (Recife) — Recebi os jornaes. Muito obrigado!

JUSTINO SILVA (S. Paulo) — Entreguei a sua carta á gerencia para providenciar.

JOSÉ CANINEO (Pirassununga) — A gerencia vae responder a sua carta. Eu só respondo assumptos de Cinema.

RUTH ALVES (S. Paulo) — Envie photographia para o Studio da Cinédia, rua Abilio, 26 — Rio.

OLD FRIEND (Santos) — Nenhum desses quatro Films ainda foi exhibido, por isso não sei os titulos em portuguez. "Um passo em falso"; leia na "Téla em revista", na critica respectiva.

CASTRO NEVES (Itajubá) — Jean: M. G. M. Studios, Culver City, California. Não sei se mandará. Não custa nada experimentar...

WESMINGOS (Sorocaba) — Respondi pelo seu nome antigo, porque gosto mais delle... E' mais photogenico, não acha? O amigo é o homem das suggestões e eu aprecio mesmo que todos os leitores m'as enviem, mas o que pede não tem applicação. Falta tempo para isso, que aliás já usamos no inicio da secção. E acompanhando o progresso das modernas revistas de Cinema, é que tambem supprimimos os nomes dos Cinemas. A cotação, nos primeiros dias de "Cinearte" tambem eu quiz supprimir, lembram-se? Mas os leitores não acceitaram. "Irmã branca", a Metro está fazendo. Os outros não refilmaram.

SEBASTIANA CONSTANÇA — Interessante o que escreveu. Greta Garbo ainda está na Suecia, mas breve voltará a Hollywood e fará mais Films, fique descançada... E eu estarei tão contente, quando você!

ROSANNE (Rio) — Antigamente, eu tinha muitas amiguinhas boas e interessantes como você, "Rosanne." Depois quasi todas desappareceram. Ficaram poucas... e a maioria destas, tambem deixaram de escrever. Agora estão surgindo outras, entre as quaes você é uma das que mais alegram a minha velhice. Vontade não me falta de veranear naquelle sitio que suggere, mas estou tão velho... Demais você teria uma grande desillusão e não escreveria mais para o Operador... Sim, tenha esperanças. Mande photographias para a Cinédia, com dados, endereço e telephone. As suas cartinhas são lidas sempre com prazer e adeuzinho, tambem...!

HONORIO (P. do Sul) — "Sincera solidariedade"... vale um milhão! Você é estupendo, Honorio.

ZÉZÉ (Jacarehy) — Explendida a opinião sobre "Alvorada."

ALFREDO FLEURY (Rio) — Tem razão. E, eu não disse que a maioria dos Films são de valor... Aliás, mesmo naquelles bons tempos, a maioria já vergava para a mediocridade...

LUCY GIRL (Rio) — Sim, já chegaram... Mas não é a resolução do problema, como muitos pensam. Vieram porque precisamos acompanhar o progresso do Cinema e eu espero que sejam utilisados mesmos... O que é inegavel é que o apparelhamento veiu emprestar um nome ainda mais brilhante á Cinédia. O Cinema Brasileiro não vae assim á toda velocidade, como podem julgar, mas a producção será augmentada e ainda teremos varias surprezas... Tenha calma... "Lucy"...

ALZIRA (Porto Alegre) — Não podemos nem devemos applaudir sem restricções todos os Films brasileiros. "Cinearte" sente-se a vontade para qualquer commentario desses, porque daqui só temos encorajado e prestigiado a todos. O caso da photographia não prova cousa alguma. Se provasse, procure ver, então, as do Film a que se refere...

NAIR (Rio) — Greta Garbo já sahiu de Hollywood contractada. Não se assuste, ella voltará e apenas foi a Suecia para prehencher exigencias da lei da imigração americana. Sim, muita animação, mas muita calma tambem. As posições tem sido alcançadas com muita luta e difficuldade e não podem ser perdidas assim, Cinema é uma industria carissima, não é brincadeira. Tudo se realizará no seu devido tempo. Tenha confiança, a Cinédia vae produzir muita cousa.

ANTONIO PEREIRA (S. Paulo) — Naturalmente, ainda não foi necessitado o seu typo. Escreva directamente, nada temos aqui com a Cinédia.

LYCIO NEVES (Bello Jardim) — Nada posso fazer, meu caro.

ROWEL SILVIAM (Manhumirim) — Não comprehendo a sua carta.

NINA ROSA — Eu tambem lhe dou os mesmos conselhos e acredite em que o faço com a mesma sinceridade, só tendo em vista a sua felicidade. Aquillo seria uma aventura ingrata, se você tivesse conseguido realisar... Ann, tambem é uma das minhas preferidas. Sim, tambem agradeço. Ora, essa! Serve, sim, e é tambem bonito e photogenico... Calma, muita calma, Nina Rosa!

WHOPPEE (Machado) — O aprefeiçoamento se fará aqui mesmo e os primeiros frutos já estão sendo colhidos. Em menos do tempo que cita, já teremos avançado mais do que se fossemos aprender lá. E' questão de gosto e comprehensão e já temos elementos assim. Sim, ella é aproveitavel. Já foi convidada para um papel e não acceitou. Mas o convite vae ser repetido. Leyla sahirá quando tivermos uma boa photographia. Não é qualquer retrato que se presta para capa.

OPERADOR

Madame e seu chauffeur

(Continuação)

Retiraram-se ambos. Anna achou que o procedimento de Karl fôra nobre, defendendo-a com audacia deante da propria baroneza. Elle aproveitou a situação para abraçal-a e mal livrou-se ella de um beijo ardente que elle quiz pôr em seus labios que, afinal de contas, jámais queriam ser beijados por Karl do que pelo proprio marido... Seu nobre e digno caracter é que a impediam de assim fazer.

A Baroneza, por sua vez, percebera naquelle golpe que estava nas mãos de Karl. Elle usaria da denuncia a todo momento em que precisasse de qualquer cousa. Era o estratagema personificado esse Karl... E dahi para deante ella pensou bastante no modo mais pratico e melhor de afastal-o de sua casa. Era extremamente perigoso para continuar ali. E a primeira cousa que fez foi envenenar Albert com a idéa de que a affeição de Karl por Anna era uma cousa além do limite, o que Albert não deixou de crer, tanto mais que via em Karl um rapaz ousadissimo.

E as cousas precipitaram-se. A Baroneza planejou uma pescaria e fez Albert acompanhal-os, dessa forma deixando a sós Karl e Anna. Este realmente não perdeu seu tempo. Levou Anna a uma hospedaria suspeita, illudindo-a e lá procurou embriagal-a até ao ponto de vel-a ceder ao seu rogo. Mas Anna resistiu e quando voltaram, ella indignada com o procedimento delle, encontraram já de volta a comitiva que voltara sem que ninguem soubesse por que... E, quando Albert foi procurar a esposa, encontrou Karl que naquelle momento justo sahia do aposento de sua esposa. A interpellação foi violenta. Karl foi despedido ali mesmo por Albert. Sorriu á intimação. Foi á Baroneza e lhe disse, violento, que se sahisse elle dahi, immediatamente todo mundo viria a saber do seu procedimento irregular e canalha frequentando aquelle bairro famoso... E isto faz com que a Baroneza hesite entre duas cousas tremendas que cahem deante de seus olhos: — ou sahe Karl, nesse caso ficando Albert e ella sendo espezinhada pela diffamação do "chauffeur", ou sahe Albert, que puzera essa condição á permanencia de Karl e elle naquella casa, o que traria um grande transtorno ao marido, e, fatalmente, desconfianças ainda peores. Deante dessa situação, a Baroneza humilha-se deante de Albert. Conta-lhe a verdade. E Albert, sabendo da vergonha que sempre estava suspensa sobre a cabeça da patroa e da propria vergonha ao saber que sua esposa chegara a ir a uma hospedaria suspeita em companhia daquelle homem, jura vingar-se.

Karl continuava suas insinuações. Anna resistindo. Albert de atalaia e a Baroneza esperando, afflicta, a solução de tudo aquillo.

— Precisas fugir commigo, Anna!

— Deixar Albert?

— Sim. Elle não te ama. Se te amasse, querida, não deixal-a-ia a sós commigo como deixou. E depois, tenho dinheiro em quantidade para gastarmos. Eil-o!

(Continua no proximo numero)

CONTOS DA MÃE PRETA

Um lindo e encantador livro para as creanças, do escriptor Oswaldo Orico. Magnifico presente de festas. Preço 5$000. Pedidos á Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico -- Travessa Ouvidor, 34 — Rio.

QUER TER BOA PELLE E MELHORAR SUA BELLEZA?

Use CRAVOSAN formula do Instituto de Belleza Guillon de Paris.

Sua pelle melhorará sensivelmente com o uso dessa maravilhosa descoberta cujos effeitos no tratamento da cutis são incontestaveis: refresca, clareia, elimina o suor, manchas, rugas, cravos, etc.

clareia a pelle — tira as rugas — elimina as espinhas — evita poros dilatados — elimina o suor e máo cheiro

Formula franceza cujos direitos de fabricação para o Brasil foram adquiridos pela importancia de 150.000 francos.

Nada mais agradavel que uma pelle limpa, fresca, suave, clara e san conforme se obtem com o uso do CRAVOSAN o tonico maravilhoso para a pelle.

Representantes:
RAUL M. RIBEIRO
R. General Camara, 191-Rio
e
DROGARIA MAZZA
R. José Bonifacio, 10-A
São Paulo

Gratis! Mandamos as instrucções scientificas do Instituto de Belleza "Guillon" de Paris para o tratamento da pelle bastando enviar o presente coupon á Caixa Postal 3249 — S. PAULO

Nome.............................
Endereço.........................
Cidade...........................

C I N

Moda e Bordado

Numero de Dezembro á venda

ESTÁ Á VENDA O ALMANACH D'"O TICO-TICO"

Ramon está cançado?

(Conclusão)

Muitas ambições ardentemente perseguidas fatigaram-lhe o espirito. E se conselho de *fan* serve para alguma coisa, offereço-lhe o meu:

— Deixa para mais tarde o livro que você quer escrever, Ramon. Você terá tempo de sobra para isso quando passarem seus dias de artista. Descanse. Disso é que você precisa. Dirigindo as versões hespanhola e franceza de *Sevilha de Meus Amores*, fez bem, mas acho que suas ambições de opera são falsas e jámais se realizarão. Deixe um pouco de lado os estudos de latim, allemão, philosophia hindú e mythologia grega nos quaes está você empregando exhaustivamente a um só tempo e caia num periodo de inercia mental e physica para descanso. Depois, e isto é importante, persuada Irving Thalberg ou seja lá quem fôr o encarregado disso, a adquirir os direitos daquella deliciosa historia da California antiga, *A Marca do Zorro*, que foi um dos maiores successos do passado de Douglas Fairbanks. Compre-a para seu novo Film, Ramon. E' deliciosa! Zorro fal-o-ia ter um papel ao sabor de seus *fans* e onde poderia dar ampla razão ao seu talento de grande artista. Faça isso, Ramon e eu me esquecerei de que você, fraco, accedeu ao desejo da corteză *Mata Hari* e... apagou a lamparina...

CAPRICHOS DE UMA MULHER

(F I M)

paz, ouve da bocca de Malone toda a felicidade que lhe ia n'alma e a noticia de que se casará com Judy, o mais breve possivel. Briscoe, não obstante, faz uma serie de observações ao rapaz e termina por demittir-se do cargo de "manager", disposto a abandonar qualquer interesse que fosse relativo á vida sportiva de Malone.

As semanas seguintes, foram de intensa felicidade para Malone. Elle chega a esquecer-se do proximo encontro com o lutador "peso medio" e passava agora, cada minuto de sua vida, ao lado de Judy, mostrando-lhe todo o seu amor e a adoração que por ella sentia, cada vez maior.

Um dia, Malone pede a pequena que se torne a sua esposa, a companheira por quem elle tanto ansiava e cujo typo Judy tão bem personificava, mas Judy sorri e quando muito consente em ser sua noiva... Aquella pequena vaidosa dos outros tempos resuscitára e agora ella apenas estava aproveitando-se da paixão que inspirara em Malone, para satisfazer um dos seus caprichos .. Na verdade, ella o amara tanto quanto elle agora a amava, mas esse amor passou, durara poucas semanas. .

Chega afinal o dia do encontro de Malone com o lutador e o rapaz está visivelmente fóra de combate, mas mesmo assim, elle se medirá com o seu contendor. Mais nervoso do que nunca, Judy não lhe sahe do pensamento! E ainda por cima, os reporters assediam-no para entrevistas, nas quaes elle falasse da pequena... Em dado momento, não podendo fugir ao compromisso com o rapaz, Judy consente em ser annunciada officialmente como sua noiva. E a noticia é divulgada por todos os jornaes...

A moça entretanto, tornara-se furiosa com o que se passara entre Malone e os reporters e por isso recusava terminantemente vel-o. Malone, desespera-se e vae procural-a no seu appartamento, occorrendo ahi, o primeiro desentendimento entre ambos.

Abatido, censurado injustamente pela pequena dos seus sonhos, o rapaz recebe algumas horas mais tarde a sua primeira derrota no "ring". Briscoe, separado agora do lutador que elle proprio preparara e tornara famoso, assiste, de um dos logares da archibancada, o castigo merecido por Malone. E lá tambem estava Judy, que só então reconhece o quanto fôra injusta para com o namorado. Ella estava de viagem preparada para a Europa, em companhia de Warburton, mas arrependida pelo seu acto e sentindo agora, mais do que nunca que o seu coração pertencia inteiramente a Malone, desiste da viagem.

Briscoe agora é quem deseja procurar Malone, após o encontro, esquecendo as agruras do passado. Os dois irão para as montanhas, onde o pugilista deverá voltar a ser o que já havia sido, praticando um novo preparo physico. Mas o rapaz não quer saber mais de sport e agora só o interessa a figurinha encantadora de Judy, apesar de tudo quanto ella lhe fizera.

A moça não podendo mais supportar as saudades e querendo desabafar-se com elle, demonstrando-lhe, sem peias, o quanto o ama, vae procural-o no logar onde se encontra, pedindo-lhe perdão de tudo.

E' elle, porém, quem não mais quer vel-a. Malone quer esquecel-a e não dando ouvidos a confissão que ella lhe vem fazer, elle insulta-a cruelmente, chegando mesmo a dizer-lhe que ella não merecia outra cousa senão um daquelles soccos nos quaes Clark Gable é mestre...

Assim Judy, regressava das montanhas, curtindo toda a amargura da sua falta para com o seu unico amor. Ella porém não chega a regressar a cidade, porque um poste telephonico, cahido no meio da estrada, providencialmente — convencionalmente é que é... — a impede de proseguir a viagem.

Acontece que naquelle mesmo instante, Briscoe tambem viajava para a cidade e encontra a moça ali, sem poder seguir o seu caminho...

E' a opportunidade que ella julgava perdida. O "manager", comprehendendo então, o quanto ella gostava do rapaz, sente-se no dever de promover a reconciliação dos dois e volta para casa, levando no seu carro, Judy já com o lenço na mãozinha perfumada, enxugando aquellas lagrimas, para chorar de novo, mas agora de alegria...

Judy sentia-se outra, agora. E só então via o quanto Briscoe era um amigo sincero de Malone.

Chegados ao campo de treinamento, nas montanhas, dá-se o encontro dos dois namorados e Malone, mesmo antes que ella tenha tempo de falar, recebe-a com um beijo expressivo, tão puro e affectuoso como aquelle que elle deu em Mary Carr, em "Honrarás tua mãe".

A felicidade voltara e com isso tambem voltaram os dias aureos de Malone no "ring"...

O dictado conhecido estava contrariado. Agora elle era feliz no jogo da mesma forma como estava sendo feliz no amor...

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

ALMANACH DO "O TICO-TICO" 1933
PREÇO 6$000
EIS O MAIOR SUCCESSO
DO ANNO:
ALMANACH
D'O Tico-Tico
PARA 1933
PREÇO PARA TODO
O BRASIL 6$000

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
KOHOUT.
ODOL